



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS
CAMPUS XVIII – EUNÁPOLIS
COLEGIADO DE LETRAS**

JUANARA RAMOS REIS

**ASSÉDIO, CAMINHOS PARA O FEMINICÍDIO:
O MITO DE OVÍDIO E CONSTRUÇÃO DA IMPUNIDADE**

Eunápolis-BA

2025

JUANARA RAMOS REIS

**ASSÉDIO, CAMINHOS PARA O FEMINICÍDIO:
O MITO DE OVÍDIO E CONSTRUÇÃO DA IMPUNIDADE**

Trabalho de Final de Curso – TCC, apresentado ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia Campus XVIII, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras Vernáculas, habilitação Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Lícia da Silva Sobral.

**Eunápolis-BA
2025**

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui meus agradecimentos a todos que percorreram essa longa jornada comigo. Agradeço à minha família, aos meus amigos e ao meu namorado por todo o apoio oferecido e por compreenderem a minha ausência ao longo desses seis anos de muita luta e persistência. Agradeço à universidade, especialmente ao grupo técnico. Aos meus professores, agradeço por me ensinarem a amar a língua portuguesa e toda a sua diversidade. Agradeço especialmente à professora Lícia Sobral, minha orientadora, por aceitar conduzir este trabalho que, segundo outras pessoas, aborda uma temática considerada muito “complexa”. Meu maior agradecimento vai para quem me guiou e me manteve firme e, em meio aos prantos, foi meu acalento; mesmo quando a vontade era desistir, me mostrava que eu “sou uma, mas não sou só” como diz Sued Nunes.

*Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima*

*Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
(Francisco, el Hombre)*

RESUMO

Este trabalho analisa como o assédio e o feminicídio compõem um continuum de violências contra a mulher, articulando teoria linguística, estudos de gênero e leitura literária da obra *Metamorfoses*, de Ovídio. O objetivo central é analisar, sob uma perspectiva semântica, de que modo essas violências são representadas nos mitos ovidianos, evidenciando a permanência histórica das práticas de assédio e feminicídio. A metodologia é guiada por uma pesquisa bibliográfica, análise de dados estatísticos produzidos por órgãos oficiais e institutos de referência, FBSP, IPEA, Datafolha e Instituto Patrícia Galvão que apontam índices crescentes de violência, negligência e impunidade. Através da leitura dos mitos centrais (Dafne, Io, Aretusa e Medusa). A análise se constrói com base em Ullmann (1977) em campos semântico dos termos “assédio e feminicídio” representados por metáforas e seu significado entre o espaço tempo mítico a atualidade. A partir desta abordagem, conseguimos observar como a representação narrativa da violência contra a mulher, marcada por perseguições, transformações forçadas e controle masculino, dialogando com a realidade contemporânea. Os resultados demonstram que o assédio atua como primeiro estágio de um processo gradativo que conduz ao feminicídio, confirmado tanto pela análise linguística quanto pelos dados de órgãos atuais. Observamos também que, historicamente as narrativas míticas refletem o patriarcalismo atravessando séculos, produzindo sentidos que naturalizam a objetificação e a inferiorização de mulheres, enquanto a linguagem literária perpetua, reproduz e denuncia essas estruturas simbólicas.

Palavras-chave: Assédio. Feminicídio. Violência contra a mulher

ABSTRACT

This work analyzes how harassment and femicide compose a continuum of violence against women, articulating linguistic theory, gender studies, and literary analysis of Ovid's *Metamorphoses*. The main objective is to examine, from a semantic perspective, how these forms of violence are represented in Ovidian myths, highlighting the historical persistence of practices such as harassment and femicide. The methodology is guided by bibliographical research, statistical data analysis produced by official bodies and reference institutes, including FBSP, IPEA, Datafolha, and the Instituto Patrícia Galvão, which show rising rates of violence, neglect, and impunity. Through the reading of the central myths (Daphne, Io, Arethusa, and Medusa), the analysis is constructed based on Ullmann (1977) within the semantic fields of the terms "harassment" and "femicide," represented by metaphors and their meanings from the mythical time-space to the present day. From this approach, we can observe how the narrative representation of violence against women, marked by persecutions, forced transformations, and male control, dialogues with contemporary reality. The results show that harassment acts as the first stage in a gradual process leading to femicide, confirmed both by linguistic analysis and data from current organizations. We also observe that, historically, mythical narratives reflect patriarchy across centuries, producing meanings that naturalize the objectification and subordination of women, while literary language perpetuates, reproduces, and denounces these symbolic structures.

Keywords: Harassment. Femicide. Violence against women.

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

QUADRO I.....	13
QUADRO II	17
QUADRO III.....	17
QUADRO IV	18
GRÁFICO I	20
GRÁFICO II.....	21
GRÁFICO III.....	22
GRÁFICO IV	23
QUADRO V	24
QUADRO VI.....	24
QUADRO VII – CAMPO SEMÂNTICO ASSÉDIO – DAFNE.....	40
QUADRO VIII - CAMPO SEMÂNTICO ASSÉDIO – IO	41
QUADRO IX - CAMPO SEMÂNTICO ASSÉDIO – ARETUSA.....	42
QUADRO X – FEMINICÍDIO	44
QUADRO XI – TRADUÇÃO LATIM/PORTUGUES	45
QUADRO XII – ASSÉDIO E FEMINICÍDIO – MEDUSA	46
QUADRO XIII - COMPARATIVO.....	49
QUADRO XIV – COMPORTAMENTO LINGUISTÍCO-SOCIAL	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CAPÍTULO I - CAMINHOS DO OBJETO.....	12
2.1	DO ASSÉDIO AO FEMINICÍDIO	12
2.1.1	ASSÉDIO – O CAMINHO À PERSEGUIÇÃO	13
2.1.1.1	DA TÁTICA MILITAR À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA	14
2.2	FEMINICÍDIO – A CONSUMAÇÃO DO CRIME.....	16
2.3	PATRIARCALISMO – O PODER DO MACHO	24
2.5	MARIA DA PENHA SEC. XX	27
3	CAPÍTULO II – A RESPOSTA NO PLANO DA TEORIA	29
3.1	SEMÂNTICA	29
3.2	SIGNIFICAÇÃO E CONTEXTO	30
3.3	DIACRONIA VERSUS SINCRONIA: RELACIONANDO O SIGNIFICADO ATRAVÉS DO TEMPO	31
3.3.1	POLISSEMIA	32
3.3.2	METÁFORA.....	33
3.4	CAMPOS SEMÂNTICOS OU ASSOCIATIVOS – ENCONTRO DE METÁFORAS EM DIACRONIA VERSUS SINCRONIA	35
4	CAPITULO III – DA DIACRONIA A SINCRONIA: ASSÉDIO E FEMINICIDIO	39
4.1	AS METÁFORAS QUE DENUNCIAM ASSÉDIO E FEMINICÍDIO	39
4.1.1	ASSÉDIO: CAMINHOS DO FEMINCÍDIO	39
4.1.2	CAMPOS SEMÂNTICOS ASSÉDIO	40
4.1.3	CAMPOS DO ASSÉDIO AO FEMINICÍDIO	43
4.1.4	ASSÉDIO, FEMINICÍDIO: SILENCIAMENTO E CONDENAÇÃO	44
4.1.5	MEDUSA X MARIA DA PENHA: ENCONTROS E DESENCONTROS.....	47
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
	ANEXOS - MAPAS CONCEITUAIS DA PESQUISA	53
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

1 INTRODUÇÃO

Aos seis anos de idade gostava de brincar na rua, com os meninos, de polícia e ladrão, pega-pega, pique-esconde, sempre ouvindo as senhoras da rua dizer que meninas não podiam “brincar assim com meninos”. Confesso que naquela época eu não entendia o significado daquelas palavras. Em certo momento houve uma comoção entre os adultos, algumas mulheres estavam felizes dizendo que agora o vizinho que batia na mulher seria preso por isso, entretanto, outras senhoras diziam que ele batia nela porque “ela merecia”.

Também não entendia porque o marido batia na esposa, se ele era marido e não pai, e o que ela teria feito para merecer apanhar do marido? Os homens estavam quietos, ouvi de alguns amigos do meu pai que agora tudo seria essa tal Lei Maria da Penha. A partir disso, vi muitos casos de mulheres que apanhavam dos maridos e outros de mulheres sendo mortas por eles; será que essas mulheres criaram coragem para denunciar ou os maridos começaram a bater e matar mais suas mulheres?

Essas lembranças de infância, podem parecer ingênuas, mas revelam como a violência contra a mulher está enraizada na sociedade e é continuamente legitimada socialmente. Essa comoção, em torno da violência de gênero, vinha ganhando força desde os anos 2000, mas foi em 2006, com a promulgação da Lei 14.340/2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, que tornou um ponto importante na luta da violência contra a mulher. Contudo, mesmo com todos os avanços, criação de uma delegacia para mulheres, leis e campanhas, os índices de violência contra as mulheres ainda são alarmantes.

Hoje, quando relembro esses questionamentos sobre o que a mulher teria feito para “merecer” ser agredida pelo marido, torna-se perceptível como a visão centralizada no patriarcalismo está fortemente presente em nossa sociedade, onde a mulher é historicamente posta em uma posição de servidão e propriedade do homem. Diante deste histórico de violências psicológicas, físicas e perseguições revela-se que o assédio é o ponto inicial em uma escala de violências que resultam no feminicídio.

A partir de dados retirados de fontes oficiais, foi possível entender que antes do ano de 2015, os assassinatos de mulheres eram classificados apenas como homicídios, sem que a especificação da motivação de gênero fosse considerada, o que dificultava o registro dos assassinatos de mulheres com base em seu gênero.

A violência de gênero é um tema que perpassa o tempo, sendo encontrada em diversas esferas da sociedade de diferentes formas, como na literatura clássica onde ficou perceptível na

obra *Metamorfoses* de Ovídio (século I d.C.), que as transformações de personagens femininos são representações simbólicas de violências contra mulher. A partir das semelhanças das histórias nos mitos ovidianos, cujo significados reverberam a perseguição, estupro sofridos pelas personagens por parte de deuses (homens em posição de poder), revelando um desfecho em que a morte é representada pela metamorfose da vítima. Ovídio me proporcionou a ideia de minha pesquisa. Meu objeto de estudo se transformou em assédio e feminicídio, ao compreender que são atos e ações atemporais.

A problemática deste trabalho está presente nesse cenário. O objetivo da pesquisa é analisar, sob uma perspectiva Semântica e estudo dos significados, como o assédio e o feminicídio são representados na obra *Metamorfoses*, de Ovídio, evidenciando a permanência histórica das violências de gênero. A pesquisa traz como apoio teórico, autores como Ullmann (1977), Bréal (2008), Rector e Yunes (1980), Henriques (2011), Haynes (2023), entre outras fontes FBSP, IPEA e Datafolha, Instituto Patrícia Galvão e Instituto Maria da Penha. Buscando compreender como estruturas linguísticas, sensoriais e metafóricas constroem sentidos que atravessam sincronicamente diferentes períodos.

A pesquisa parte do pensamento de que a linguagem além de representar a realidade, também a perpetua. Portanto, ao observar mitos como os de Dafne, Io, Aretusa e Medusa, torna-se possível determinar traços de assédio e feminicídio de mulheres que ressoam metaforicamente, nas violências vivenciadas por mulheres na atualidade. Esses mitos, mesmo que pertencentes a antiguidade, revelam estruturas narrativas que associam o feminino à vulnerabilidade e o masculino ao poder, refletidos através de metáforas animais, antropomórficas, sinestésicas e do concreto ao real, que compõem os campos semânticos relacionados ao assédio e ao feminicídio.

A presente monografia é construída em três etapas principais, divididos em capítulos, além da introdução e das considerações finais. O capítulo I, apresenta o percurso teórico e conceitual que fundamenta a pesquisa, trazendo a discursão de que o assédio e o feminicídio representam um continuum de violência, traz a análise etimológica dos termos a partir de quadros, aborda o patriarcalismo como estrutura de desigualdade de gênero e aproxima os mitos a dinâmica atual de violência a partir das práticas violentas contra Maria da penha em pleno século vinte. O capítulo II, concentra-se no aporte teórico para fundamentar a pesquisa no campo da semântica, discutindo conceitos como significação e contexto, diacronia e sincronia, polissemia, metáfora e a teoria dos campos semânticos utilizada para relacionar como a violência contra a mulher e a linguagem registra, organiza e transmite essas estruturas de

significado. O capítulo III é análise, através dos significados contidos em trechos da obra de Ovídio, relacionando à campos semânticos dos termos assédio e feminicídio e seus significados no tempo e no espaço, representados por diferentes metáforas.

Dessa forma, o trabalho se justifica pela relevância social e acadêmica de compreender como a linguagem, organiza e transmite significados que refletem práticas de violência de gênero. Ao relacionar mito, semântica e realidade social, busca-se provar que as expressões culturais da violência têm raízes profundas, cuja permanência aponta para a necessidade de analisar, denunciar e transformar essas estruturas simbólicas e discursivas que legitimam a violência contra a mulher.

Ao mesmo tempo em que observo que a continuidade desta pesquisa vai além de mulheres que menstruam. A sexualidade é fator de discussão em vários ramos da sociedade, ousou-me a estabelecer metas para futuras análises que perpassem pela diversidade inserida na sexualidade humana, compreendendo que o fator violência se estabelece de formas diferenciadas.

2 CAPÍTULO I - CAMINHOS DO OBJETO

2.1 DO ASSÉDIO AO FEMINICÍDIO

Diante de diversas pesquisas feitas, podemos considerar o assédio como o precursor do feminicídio, onde um é o ponto inicial e o outro é o último ato de violência à mulher, se pensarmos que antes de ser assassinada, a mulher em um relacionamento abusivo passa por humilhações, violência psicológica, violência física, perseguição, entre outros tipos de violência. O Art. 7º da Lei Maria da Penha nos mostra os tipos de violência e como eles se caracterizam,

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause danos emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; [\(Redação dada pela Lei nº 13.772, de 2018\)](#)

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Com base na Lei Maria da Penha e em estudos de instituições feministas com foco nas demandas feminista, como o instituto Patrícia Galvão, entende-se que o assédio está interligado com os tipos de violência, o que ao longo do relacionamento ou termino demonstra passo a passo o último ato de controle sobre a mulher. De acordo com instituto Patrícia Galvão, 44% das mulheres que terminaram um relacionamento após sofrerem ameaças de morte, sentiram medo de serem vítimas de feminicídio e 37% denunciaram a polícia,

Porém, 8 em cada 10 entrevistadas concordam que a polícia não leva a sério uma denúncia de ameaça e nem o risco que a mulher corre. Da mesma forma, 8 em cada 10 entrevistadas consideram que a Justiça brasileira não dá a devida importância para a violência contra as mulheres.

Observa-se que a frequência de queixas não atendidas sobre a brutalidade patriarcal demonstra que as autoridades não consideram como princípios de serem considerados com a seriedade necessária, já que o assédio é caminho para uma catástrofe do assassinato de uma mulher.

2.1.1 ASSÉDIO – O CAMINHO À PERSEGUIÇÃO

Através da origem da palavra, podemos entender melhor “como e porque” o termo se torna em relação de aproximação, determinando ações que justificam chegar próximo, de sua origem etimológica ao sentido atravessamos o grande vácuo das relações semânticas no tempo e no espaço. Portanto, de chegar junto ou sentar-se junto passou a ser uma forma de cerco para agressões.

O termo “assédio”, de acordo com o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis, se origina do latim que originalmente descrevia uma ação física de cerco. A utilização moderna refere-se à perseguição ou importunação que reflete a persistência e a pressão exercida no sentido original.

QUADRO I

DECOMPOSIÇÃO ETIMOLOGICA - ASSÉDIO				
Palavra	Origem clássica	Raiz Etimológica	Significado Literal	Evolução Semântica
Assédio ¹	Latim Vulgar: <i>assedium</i> , derivado do verbo <i>adsidēre</i> ou <i>assidēre</i>	ad- (para, junto de) + sedēre (sentar) + -ium (ação/resultado).	"O ato de sentar-se junto" ou "o ato de assentar em torno de".	Passou de "cerco militar" (sentar-se ao redor de uma fortificação) para "insistência contínua" e, finalmente, "importunação persistente" (o sentido moderno de assédio)

Fonte: Adaptado de Lewis (1879), Gaffiot (1934), Michaelis (2025) e Priberam (2025).

¹ LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1879.

Verbetes *adsidēre*, p. 142; **verbetes** *assidēre*, p. 153.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire Latin–Français*. Paris: Hachette, 1934.

Verbetes *assideo*, p. 165; **verbetes** *assedium*, p. 166.

MICHAELIS. *Assédio*. In: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

PRIBERAM. *Assédio*. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Lisboa: Priberam Informática, 2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ass%C3%A9dio>. Acesso em: 10 nov. 2025.

2.1.1.1 DA TÁTICA MILITAR À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Para podermos conceituar melhor o entorno do termo assédio e sua transição semântica, nos baseamos na interpretação do significado explicitado no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis:

1. Sentido Militar: Originalmente significava sítio ou cerco a um forte, onde o inimigo se abrigava. O invasor se assentava ao redor do inimigo, mantendo uma presença constante e persistente para evitar sua fuga e forçar a rendição ou chegavam de surpresa a fim de obter uma vitória rápida como.
2. Sentido de Insistência: Evoluiu para descrever qualquer insistência com repetição ou perseguição, intimidação com o objetivo de obter algo.
3. Sentido Social: Hoje, refere-se especificamente à conduta persistente que tem como resultado humilhar, ofender, intimidar ou perturbar a integridade física ou psicológica de alguém (como em *assédio moral* ou *assédio sexual*). A ideia do "cerco" se mantém, mas é transferida do campo de batalha para o ambiente social ou profissional onde está presente através da perseguição contínua.

O constrangimento com intuito de obter vantagens sexuais, a humilhação, intimidação e violação da liberdade individual são características do assédio sexual. Segundo o código penal brasileiro, ainda, o ato de praticar comportamentos libidinosos, com intenção de satisfazer os prazeres próprios ou de terceiros se caracteriza como importunação sexual.

De acordo com informações divulgadas pelo Senado Federal em 13 de junho de 2025 – uma mulher é vítima de assédio nas ruas a cada 1,5 segundo; a cada 6,9 segundos, uma mulher é vítima de perseguição; e, a cada 7,2 segundos, uma mulher sofre violência física – diante disto, entende-se que a mulher está em um cerco de proximidade que se repete em espaços diferenciado, mas mantém o significado original do termo assédio na atualidade. Assim, constantemente mulher se encontra posição de próxima, podendo ser abusada, espancada e morta a qualquer momento.

O assédio está dividido em quatro categorias que serão descritas a seguir, baseadas na “Cartilha sobre as diversas formas de assédio”, do Tribunal Regional do Trabalho.

1. Assédio moral: nesta categoria ocorre um ataque à dignidade e a integridade da vítima por meio de gestos, atitudes, palavras que geram grande sofrimento físico e psicológico, geralmente há uma diferença no nível hierárquico onde a pessoa de maior nível comete o assédio.

2. Assédio sexual: este tipo de Assédio é caracterizado pela perseguição interesse sexual, sendo ela sutil ou não, piadas com teor sexual, gestos, contato físico indesejado e inadequado, troca de favores sexuais por vantagens.
3. Stalking ou perseguição: o monitoramento, a invasão da privacidade de alguém, controle dos passos da pessoa e por muitas vezes ameaças a vida da pessoa.
4. Bullying: essa prática é comum nas escolas, ou em ambientes onde o nível hierárquico é igual, envolve constrangimento contínuo, humilhações, violência física e emocional, muitas vezes levando a vítima ao suicídio.

Desde muito tempo existe essa relação de inferioridade para com o gênero feminino quanto ao gênero masculino, na atualidade existe a luta para equivaler os dois gêneros, mas essa desigualdade está tão enraizada na sociedade que é tomado como normal práticas que desfavorecem a mulher, como ter o salário menor, exercendo as mesmas funções que um homem. Essas

Diferenças baseadas no sexo aos domínios da realidade social onde a pertença sexual está presente, isto é, aos homens e as mulheres concretos e as relações entre eles, limitando assim os domínios da realidade social suscetíveis de serem abordados numa perspectiva de gênero. (AMÂNCIO. 2003 p. 690)

Esse espaço social reflete a posição do patriarcado em que a mulher era uma propriedade da família, especificamente do chefe de família. Quando se casava ela passava a pertencer ao marido. Observando o mundo patriarcal diacronicamente percebe-se que repetição de poder não foi alterada. Na Grécia antiga seu papel na sociedade estava reservado ao casamento e a religião, não era permitida participar das discussões e decisões políticas que eram espaços masculinos, ou seja, o masculino sempre esteve em uma relação de poder sobre o feminino que, por sua vez, estava em uma posição de servidão como.

"A relação de poder, que se exprime na apropriação do tempo, do corpo, da sexualidade, da disponibilidade física para os cuidados com os outros, de um sexo sobre o outro permite-lhe estabelecer uma analogia entre as relações de classe, de escravidão/ Servidão (esclavage/servage), e as de sexo [...]" (AMÂNCIO 2003 p. 694).

Segundo Alves (2008), a discussão sobre assédio sexual começou a emergir apenas após a década de 60. No entanto, foi na década de 70 que o termo "assédio sexual" foi formalmente introduzido, tendo como pioneiros os Estados Unidos, impulsionados pelo movimento feminista que buscava debater a desigualdade de gênero e a violência contra as mulheres. No Brasil, as conversas sobre violência de gênero começaram nos anos 80, mas foi a partir dos anos 2000 que ganharam maior força, especialmente com a criação da Lei Maria da Penha em

2006. Essa lei demarcou o início de medidas de punição contra a violência sofrida pelas mulheres, como nos mostra o Instituto Maria da Penha.

Além de proteger mulheres em situação de violência e salvar vidas, a Lei n. 11.340/2006 pune os agressores, fortalece a autonomia das mulheres, educa a sociedade e cria meios de assistência e atendimento humanizado, bem como inclui valores de direitos humanos nas políticas públicas para o enfrentamento e combate à violência de gênero.

Contudo, uma análise dos dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) demonstra que os índices de violência continuam aumentando a cada ano. Em 2024, foram registrados 1.492 casos de feminicídio, o que indica um crescimento em relação aos anos anteriores. Além disso, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos constatou mais de 87.000 casos de estupro no mesmo ano (IPEA, 2025; BRASIL, 2025).

2.2 FEMINICÍDIO – A CONSUMAÇÃO DO CRIME

De acordo com Romio (2019) o termo “feminicídio”, surgiu inicialmente nos Estados Unidos a partir de Diana E. H. Russell, uma escritora e ativista feminista sul-africana, pioneira em utilizar o termo femicide (femicídio) em 1976, no Tribunal Internacional de Crimes Contra Mulheres.

O termo como conhecemos na atualidade foi adaptado por Marcela Lagarde e difundido em 1990, antropóloga e deputada Mexicana, utilizou o termo para tratar sobre o assassinato de mulheres com base em seu gênero e mais, adicionar uma conotação política e social a tal ato, responsabilizando o estado e as autoridades por negligenciar e omissão (ROMIO 2019).

A etimologia da palavra feminicídio parte de uma decomposição: do sufixo “cídio” (do latim *caedere*, "matar") e um prefixo derivado de *fēmina* (mulher/fêmea). A diferença nos prefixos (femi e femini) reflete uma distinção crucial de significado.

QUADRO II

DECOMPOSIÇÃO ETIMOLÓGICA – FEMICÍDIO E FEMINICÍDIO				
Palavra	Prefixo / Radical	Origem Latina	Sufixo	Significado Literal da Composição
Femicídio ²	<i>femi</i> (de <i>fēmina</i>)	Substantivo latino <i>fēmina</i> — “mulher, fêmea”	- <i>cídio</i> (de <i>caedere</i>)	Ato de matar uma mulher ou fêmea (ênfase no sexo biológico).
Feminicídio ³	<i>femini</i> (de <i>fēminīnus</i>)	Adjetivo latino <i>fēminīnus</i> — “feminino, próprio da mulher”	- <i>cídio</i> (de <i>caedere</i>)	Ato de matar uma mulher em razão de sua condição de gênero.

Fonte: Adaptado de Lewis (1879), Michaelis (2025).

O sufixo “*cídio*” é comumente utilizado na língua portuguesa e em outras línguas latinas para formar substantivos que significam a ação de matar ou o extermínio de algo ou alguém.

QUADRO III

DECOMPOSIÇÃO ETIMOLÓGICA - CÍDIO				
Elemento	Origem Latina	Forma Verbal	Significado da Raiz	Significado do Sufixo <i>cídio</i>
- <i>cídio</i> ⁴	- <i>cidium</i>	<i>caedo, -ere,</i>	Cortar, abater, matar, derrubar.	Ato de matar, assassinato, extermínio.

Fonte: adaptado de Gaffiot (1934).

O prefixo ou radical que antecede o “*cídio*” indica a vítima ou o alvo do assassinato, o quadro a baixo nos traz exemplos de palavras com o sufixo “*cídio*”.

² Segundo MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

³ Cf. LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1879; GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire Latin–Français*. Paris: Hachette, 1934.

⁴ MICHAELIS. -*cídio*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/-c%C3%ADdio/>

QUADRO IV

EXEMPLOS (CÍDIO)		
Palavra	Radical (Vítima)	Significado Literal
Homicídio ⁵	<i>homo</i> (do latim, 'homem/ser humano')	A morte de um ser humano.
Suicídio ⁶	<i>sui</i> (do latim, 'de si mesmo')	A morte de si mesmo.
Genocídio ⁷	<i>geno</i> (do grego, 'raça, povo, classe')	A destruição deliberada de um grupo racial, étnico ou religioso.
Fratricídio ⁸	<i>fratri</i> (do latim, 'irmão')	A morte do próprio irmão.
Parricídio ⁹	<i>parri</i> (do latim, 'pai', ou, 'progenitor')	A morte de um parente próximo, geralmente o pai ou a mãe.
Regicídio ¹⁰	<i>regi</i> (do latim, 'rei')	A morte de um rei ou rainha.

Fonte: adaptado de Lewis (1879) e Gaffiot (1934).

Sendo assim, a origem das palavras Femicídio e Feminicídio.

1. Raiz Adjetiva (*Femini*): O prefixo femini é derivado do adjetivo latino *feminīnus*, que significa "próprio da mulher" ou "pertencente ao feminino". Quando usado em português (como em *feminino* ou *feminismo*), ele tende a se associar a qualidades, condições e identidade de gênero.
2. Raiz Substantiva (*Femi*): o prefixo femi deriva diretamente do nome substantivo *fēmina*, que se refere à fêmea como categoria biológica (o oposto de macho). A palavra *femecídio* seria etimologicamente correta para descrever o assassinato de uma mulher, mas é neutra quanto à motivação.
3. Conceito Jurídico e Social: o termo Femicídio (do inglês *femicide*, usado por Diana E. H. Russell em 1976 e popularizado por Marcela Lagarde como *feminicídio*) foi adotado internacionalmente para designar o assassinato de mulheres e meninas por causa do seu gênero. Ou seja, ele enfatiza a motivação discriminatória e a desigualdade de poder, e não apenas o fato biológico da vítima ser mulher.

Entende-se que a criação do termo Feminicídio, não ocorre meramente como uma oposição ao termo Homicídio, mas como o entendimento de que um crime com tal motivação

Fontes das informações:⁵ *homo* — “homem, ser humano” (LEWIS; SHORT, 1879, p. 856, verbete *homo*).

⁶ *sui* — pronome reflexivo latino “de si mesmo” (LEWIS; SHORT, 1879, p. 1767, verbete *sui*).

⁷ *genos* — “raça, povo, grupo” (GAFFIOT, 1934, p. 463, verbete *genos*).

⁸ *frater* — “irmão” (LEWIS; SHORT, 1879, p. 756, verbete *frater*).

⁹ *parens* — “pai, progenitor” (GAFFIOT, 1934, p. 1018, verbete *parens*).

¹⁰ *rex* — “rei” (LEWIS; SHORT, 1879, p. 1598, verbete *rex*).

específica necessitasse de uma nomenclatura que a descrevesse em sua totalidade e abrangesse o sentido do assassinato de mulheres, por sua condição de gênero. Por isso, a escolha do termo feminicídio em detrimento de femicídio, passa a refletir uma evolução legal e conceitual, solidificando a palavra como um termo sociológico e legal, que indica uma forma extrema de violência de gênero, distinguindo-a de um homicídio simples onde a vítima é uma mulher.

No Brasil, o feminicídio passou a ser considerado um crime autônomo em 2024, antes disso, a lei 13.104/15 o classificava como qualificadora do homicídio. Segundo a Câmara dos Deputados, uma das motivações para esse crime é o sentimento de perda do controle da posse sobre as mulheres.

Quando o crime é cometido por parte da família ou parceiro, tirar a vida de uma mulher, é um ato com ações que indicavam, assédio através de ameaças, agressões que muitas vezes foram denunciadas, porém negligenciadas pelos órgãos responsáveis que são compostos em sua maioria por homens. Isto levou a deputada feminista Marcela Lagarde (2006) a adaptar o termo que inicialmente era *femicídio* para *feminicídio* baseando-se em pesquisas sobre a realidade das mulheres mexicanas, responsabilizando o estado por ser omissivo e negligente a tal crime.

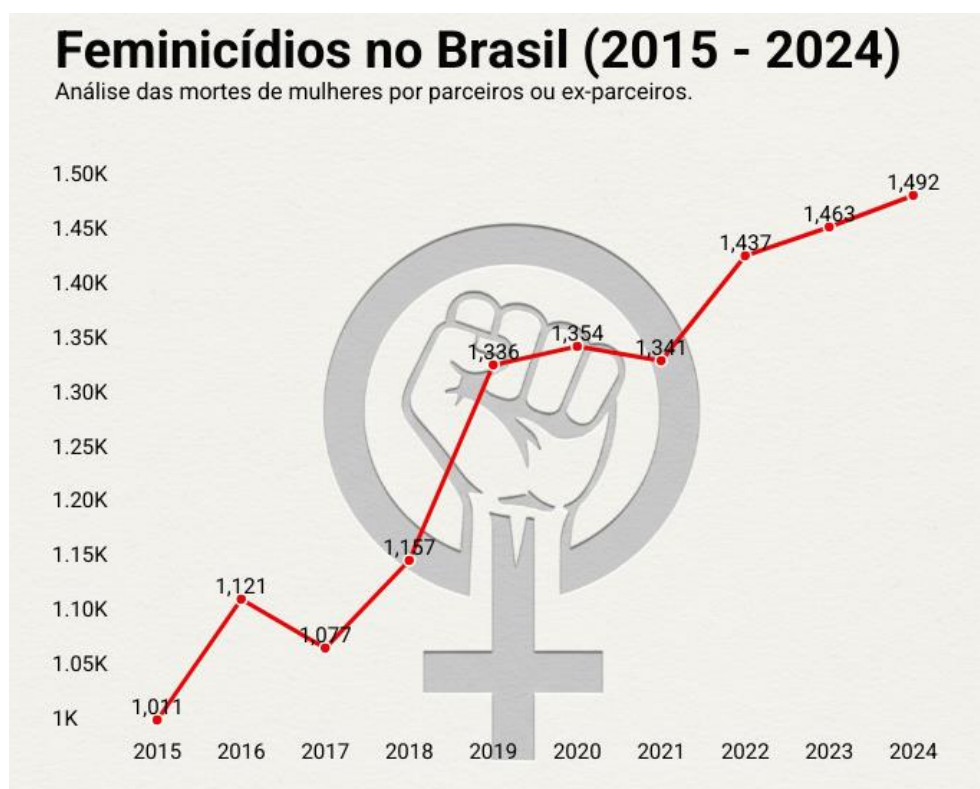
Nosotras quisimos que se entendiera así, y ese es un añadido que le hicimos a la definición de Diana Russell, que por lo menos para México, el feminicidio es todo lo que ya dije, pero además se acompaña de todo lo que es la violencia institucional que conduce a la impunidad, o sea, incluimos en el feminicidio, la violencia institucional como parte del fenómeno mismo. Hipótesis: si tuviéramos un Estado distinto, si las instituciones estuvieran para que las mujeres pudiesen tener acceso a la justicia conforme al derecho, si la justicia fuera exigible realmente, probablemente estaríamos en otra cosa en relación con los homicidios de niñas y mujeres. En México la impunidad es parte del feminicidio y por eso partimos de la definición de violencia institucional, la discriminación en la impartición de justicia, la discriminación en las averiguaciones, en los peritajes; en todo el proceso hay una mirada profundamente misógina¹¹. (L A G A R D E, 2006, p. 223)

Tradução livre:¹¹ Nós quisemos que fosse compreendido dessa maneira, e esse é um acréscimo que fizemos à definição de Diana Russell. Pelo menos no contexto do México, o feminicídio é tudo aquilo que já foi mencionado, mas, além disso, está intrinsecamente associado à violência institucional que conduz à impunidade. Ou seja, incluímos a violência institucional como parte constitutiva do próprio fenômeno do feminicídio. Hipótese: se tivéssemos um Estado diferente, se as instituições realmente garantissem que as mulheres pudessem ter acesso à justiça conforme o direito, se a justiça fosse efetivamente exigível, provavelmente estaríamos diante de uma realidade distinta no que diz respeito aos homicídios de meninas e mulheres. No México, a impunidade constitui parte integrante do feminicídio e, por isso, partimos da definição de violência institucional — isto é, da discriminação na aplicação da justiça, nas investigações, nas perícias; em todo o processo, observa-se um olhar profundamente misógino.

No Brasil, essa situação só começou a mudar com a implementação da lei Maria da Penha que se tornou um ponto importante na luta contra a violência contra a mulher, contudo, mesmo com todos os avanços, criação de uma delegacia para mulheres, leis e campanhas, os índices de violência contra as mulheres ainda são alarmantes.

O gráfico a seguir, criado a partir dos dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), nos mostra dados de feminicídio tipificado a partir de 2015, antes disso os assassinatos de mulheres eram classificados apenas como homicídios, sem a especificação da motivação de gênero, o que dificultou a busca por dados anteriores. O intuito da pesquisa por essas estatísticas era verificar se houve uma diminuição nesses índices de assassinatos, tendo como motivação o seu gênero, contudo encontramos dificuldade em encontrar dados anteriores sobre morte de mulheres a partir das diferentes formas de assédio.

GRÁFICO I

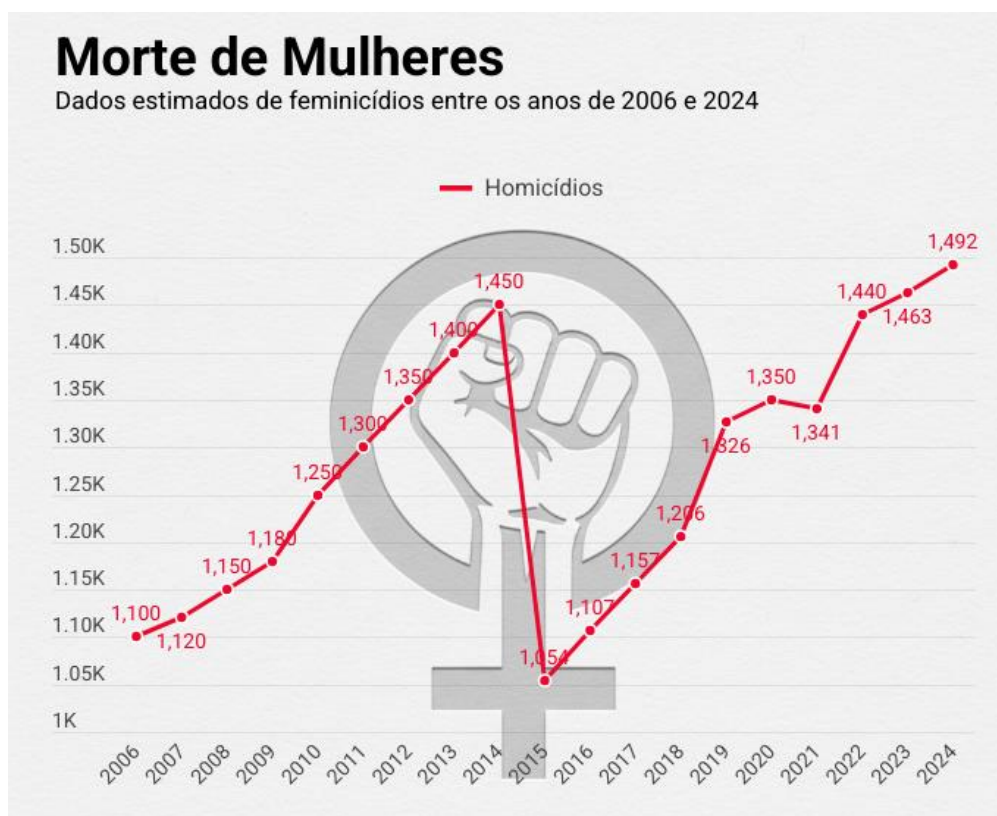


Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023.

Em nova pesquisa no FBSP e em outras fontes como o IPEA e Datafolha, desta vez, em busca de homicídios de mulheres praticados por parceiros íntimos ou ex-parceiros, o que compõe a maioria dos feminicídios, mas não somente, foi possível retroceder um pouco mais nos dados coletados até 2006, ano em que a Lei Maria da penha foi criada, com o intuito de observar se houve uma decaída.

Observa-se que os dados de 2006 a 2014, sobre assassinatos de mulheres, registrados como homicídios, são estimativas criadas a partir dos dados do IPEA, pois nesse recorte de tempo não existia o feminicídio tipificado, sendo assim, a estimativa foi realizada com base no registro de mortes de mulheres por seus parceiros ou ex-parceiros o que tipifica o assédio.

GRÁFICO II



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023.

O gráfico a seguir nos traz um perfil demográfico do assassinato de mulheres pelo viés da raça como um fator multiplicador de risco. Segundo dados oficiais do FBSP 2023, as proporções indicam que mulheres pretas e pardas são a maioria das vítimas de feminicídio em relação às mulheres não pretas, cerca de 56,8% das mortes enquadradas como feminicídio são de mulheres negras, enquanto 43,2% das mortes são de mulheres não negras, incluindo

mulheres brancas, indígenas e amarelas. Percebendo a raça como um fator multiplicador de risco é possível observar uma falha nas políticas de combate à violência contra a mulher, e o feminicídio, em que o problema, além de ser o gênero passa a ser somado a desigualdade social.

Como funciona o fator multiplicador da raça nas pesquisas sobre o feminicídio? As pesquisas do Instituto Patrícia Galvão e os relatórios oficiais de segurança pública e dos direitos humanos já mencionados, nos mostram que ser mulher representa um risco de sofrer feminicídio, ser negra representa um risco de sofrer racismo. Quando existe a junção dessas duas vertentes de opressão, ocorre multiplicação do risco, surge vulnerabilidade que atinge o feminino e o racismo.

No que tange à violência contra a mulher e à violência doméstica, há explicação suplementar. Não está ligada apenas à lógica da pobreza, desigualdade social e cultural. Estes são fenômenos marcados profundamente pelo preconceito, discriminação e abuso de poder do agressor para com a vítima – geralmente mulher, criança, adolescentes ou idosas – pessoas que em razão das suas peculiaridades (compleição física, idade e desenvolvimento), estão em situação de vulnerabilidade na relação social. Independentemente do país que esteja sendo analisado, estes são os elementos nucleares desta forma de violência (CAVALCANTI, 2006 p. 28).

GRÁFICO III



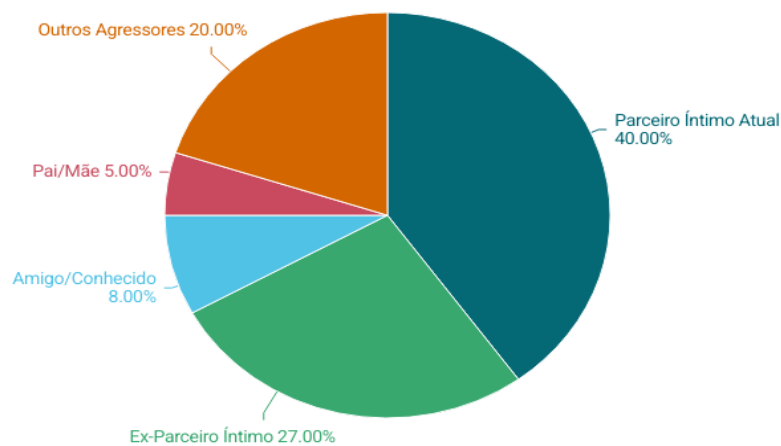
Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2023.

O próximo gráfico apresenta as estatísticas de agressores no círculo íntimo da mulher, bem como, seu grau de risco de feminicídio. É importante observar que foram encontradas lacunas nas pesquisas a respeito do registro dos dados dos agressores quanto o aspecto da raça/cor, classe social/econômica e escolaridade, existem campos como o da raça/cor e escolaridade, porém não são obrigatórios. Outra justificativa para essa falta de informações sobre os agressores é que as pesquisas mantem seu foco nas vítimas e em suas mortes, cor/ raça das vítimas bem como sua classe econômica. O que nos leva a ressaltar sobre a proteção ao autor do feminicídio tanto em raça como em condição social.

GRÁFICO IV

Letalidade Íntima de Mulheres no Brasil

Análise da letalidade de mulheres no Brasil com dados essenciais.



Fonte: adaptado FBSP, IPEA e Datafolha.

2.3 PATRIARCALISMO – O PODER DO MACHO

QUADRO V

DECOMPOSIÇÃO ETIMOLÓGICA - PATRIARCALISMO		
Componente	Origem	Significado
<i>PATER/PATRI</i>	Grego (πατήρ) patēr e latim (pater)	Pai, chefe de família, ancestral.
<i>ARCHĒ</i>	Grego ἄρχω (<i>arkhō</i>)	Regra, governo, poder, autoridade (também "início" ou "primeiro").
<i>ISMO</i>	Grego ἰσμός (<i>ismós</i>)	Doutrina, sistema, prática social.

Fonte: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis online, 2025.

O resultado é: o **sistema** (-ismo) de **governo** (archē) do **pai** (patri).

Podemos ver essas raízes em muitas outras palavras da língua portuguesa.

QUADRO VI

EXEMPLOS COM A RAIZ PATRI-	
Pátria	Terra dos pais, terra natal.
Patrimônio	Bens herdados do pai (ou ancestral).
Patrono	Protetor legal, padrinho.

Fonte: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis online, 2025.

Quando se pensa em patriarcalismo, antes de tudo vem à ideia de dominação, poder, para Lerner (2019), no patriarcalismo trata-se, justamente, da dominação e opressão do homem sobre a mulher. O primeiro exemplo de dominação e a divide em três pontos:

- A apropriação da sexualidade e capacidade reprodutiva foi o ponto de partida para essa opressão, no fim das guerras os vencedores tomavam as mulheres como recompensa pela vitória junto terras e pertences, as mulheres passariam assim, a serem propriedade daqueles homens.
- A fim de que os seus filhos se tornassem herdeiros legítimos das terras e riquezas a capacidade reprodutiva das mulheres passavam a serem controladas pelos homens.
- Por fim, para que o patriarcalismo fosse amplamente aceito e difundido as mulheres precisavam ser excluídas da história, sem poderem participar da criação de simbologia, filosofia e da religião, mas essa exclusão não se dava apenas por força física e sim pela

negação de sua história e pela doutrinação de que o homem é superior as mulheres é assim que ocorre sistema de dominação.

Contudo, para que esse sistema funcione é necessário que haja a colaboração das mulheres, uma colaboração baseada no medo, segundo (Safiotti, 2015, p. 28) a mulher foi criada socialmente para assumir o papel de caça à espera do ataque do caçador enquanto o homem perante os padrões da sociedade deveria assumir o papel desse caçador que toma a iniciativa de ir em busca da sua presa, diante disso surgiu a ideia de que o homem deve tomar a iniciativa e a mulher que fugisse a essa regra não era vista com bons olhos perante o homem.

As raízes patriarcais foram instituídas a partir do poder, da vantagem física, da maternidade, das guerras, nesse espaço dialógico, entre o passado e o presente o patriarcado se fortalece, se constrói e se reconstrói em diferentes sociedades. Para os gregos o poder masculino prevalece e a mitologia busca formas de estabelecer a defesa do feminino. Para os romanos a literatura se apresenta como fuga do poder do assédio ao feminicídio.

2.4 A ROMA DE OVÍDIO – METAMORFOSE

Publius Ovidius Naso, nascido na região de Apeninos em Sumona, no ano de 43 a.C até 17 d.C, período marcado pela transição da republica para o império, tendo vivido o auge de sua arte durante o reinado de Augusto.

A era do reinado de Augusto foi marcada pela *pax romana* (paz augustana) um período relativamente estável após muito tempo de guerra, o retorno aos antigos costumes romanos através da busca pela restauração da moralidade por meio da *Lex Iulia de adulteriis* (Lei Julia do Adultério) e da religião tradicional, e o patrocínio a poetas que exaltassem os valores romanos e seu regime como Virgílio e Horácio.

Tu regere imperio populos, Romane, memento — hae tibi erunt artes —
pacificque imponere morem, parcere subiectis et debellare superbos.¹²
(VIRGÍLIO, *Eneida*, VI, 851–853, 2014, p. 214).

Tradução própria: ¹²Tu, romano, lembra-te de reger os povos sob teu império — estas serão as tuas artes — impor à paz a disciplina, poupar os que se renderem e subjugar os orgulhosos.

Ovídio, embora tenha sido um poeta de sucesso, neste período, por suas obras possuírem um teor mais sensual e uma linguagem considerada irônica não se encaixava corretamente no esperado pelo regime, em *Ars Amatoria* o autor trata o amor como uma arte e prazer incentivando a livre escolha da parceira, indo contra a moral e os bons costumes do período augustano.

*Quaerenda est oculis apta puella tuis:
quaerenda est apto quae sit amica toro*¹³.
(OVÍDIO, *Ars Amatoria*, I, vv. 443–444, 2014, p. 78).

Em 8 d.C, Ovídio foi exilado para uma cidade barbara na região do mar negro, Tomis. Segundo Santos (2015, p. 74) a motivação para o seu exílio não foi informada, mas é mencionado em suas obras que os motivos são o poema, *Ars Amatoria* (a arte de amar), um manual de sedução que ensina técnicas de amor, e um erro cometido cujo assunto não foi comentado.

*Perdiderint cum me duo crimina, carmen et error;
alterius facti culpa silenda mihi*¹⁴.
(*Tristia*, II, vv. 207–208)

Posteriormente, Ovídio veio a escrever a obra que segundo ele, em uma passagem no final do Livro XV em *Metamorfoses* — nem a ira de Júpiter, nem o fogo, nem o ferro, nem o tempo devorador poderão destruir. Quando aquele dia, que dispõe apenas do meu corpo, quiser, poderá pôr fim ao tempo da minha incerta vida; mas com a melhor parte de mim me elevarei imortal sobre as estrelas, e o meu nome não perecerá. — Fazendo uma previsão sobre a imortalidade da sua obra.

A estrutura de "*Metamorfoses*", composta por 15 livros, é escrita em um formato épico que se distancia das tradicionais poesias épicas romanas. Em vez de seguir uma única história linear, Ovídio faz uso de um estilo de contos interligados, onde cada História de transformação estabelece uma conexão com a anterior e a posterior, criando um mosaico literário dinâmico. Este estilo permite que Ovídio explore uma ampla variedade de mitos e personagens, desde figuras da mitologia helênica até heróis romanos, todos unidos pelo tema central da metamorfose.

O uso do verso em hexâmetro é uma escolha estilística que remete à tradição épica, mas Ovídio inova ao colocar elementos líricos e dramáticos em sua poesia. O seu estilo é caracterizado por uma linguagem rica e evocativa, repleta de metáforas vívidas e descrições

¹³ Deves buscar com teus olhos a moça que te agrada; e que se ajuste bem ao teu leito de amor.

¹⁴ Dois crimes me arruinaram: um poema e um erro; quanto ao segundo, devo guardar silêncio.

minuciosas que trazem os mitos à vida. Por exemplo, ao descrever as transformações dos personagens, Ovídio utiliza imagens sensoriais que cobrem o leitor em uma experiência quase tátil levando o leitor a imaginar-se em cada cena lida.

O pé, tão veloz ainda agora, fica preso qual forte raiz.
A sua cabeça é copa de árvore. Só o brilho nela se mantém.
E Febo ainda a ama. Pousando-lhe no tronco a mão, sente ainda o palpitar do coração sob a nova casca. (OVÍDIO, 2017, p.83)

Metamorfoses cumpriu a previsão do autor e sua influência se mantém nas artes e é objeto de estudos em diversas áreas de conhecimentos.

2.5 MARIA DA PENHA SEC. XX

Segundo informações retiradas do instituto que leva o seu nome, Maria da Penha Fernandes, nascida em 1945, formada em bioquímica, foi durante o seu mestrado em Parasitologia que conheceu o colombiano Marco Antonio Heredia Viveros, com quem se casou após o mestrado e teve duas filhas antes que as agressões tivessem início, foi após o nascimento da terceira filha do casal que as tentativas de assassinato aconteceram, em consequência disso Maria da Penha ficou paraplégica.

Uma mulher perdeu a capacidade de andar antes de que o estado intervisse e criasse mecanismos de defesa da mulher, Maria da Penha foi uma, entre muitas mulheres que sofreram nas mãos dos maridos, se não, morreram em suas mãos como Ângela Diniz, que teve sua vida ceifada pelas mãos do esposo, mas que não houve justiça, já que a própria constituição abria brechas para que tais crimes fossem justificados quando, permitiu que teses como a legítima defesa da honra fosse utilizada em julgamentos para justificar e anular a penalização de feminicídios, dessa forma,

A cultura jurídica brasileira, ao tolerar a tese da legítima defesa da honra durante décadas, naturalizou a violência doméstica e legitimou a ideia de posse do homem sobre o corpo e a vida da mulher. (SILVEIRA, 2021, p. 77).

Esse caso foi além nas paredes da casa e expôs a violência de gênero e as falhas do estado em proteger a vítima e punir o agressor, após o primeiro julgamento, que ocorreu anos após o caso, o agressor conseguiu sair impune

A história de Maria Da Penha significava mais do que um caso isolado: era um exemplo do que acontecia no Brasil sistematicamente sem que os agressores fosse punidos. Instituto Maria da Penha (2023)

Mesmo com as falhas estatais em punir seu agressor, Maria da Penha não desistiu e lançou um livro intitulado *Sobrevivi... posso contar*, onde relata sua história e detalhar as suas tentativas de conseguir justiça.

Em 2001 e após receber quatro ofícios da CIDH/OEA (1998 a 2001) – silenciando diante das denúncias –, o Estado foi responsabilizado por negligência, omissão e tolerância em relação à violência doméstica praticada contra as mulheres brasileiras. Instituto Maria da Penha (2023)

Hoje, Maria da Penha é lembrada, não apenas como a mulher que sobreviveu para contar sua história, a sua história é um marco na luta contra a violência contra as mulheres seu nome se tornou lei e ajuda milhares de mulheres no Brasil, a lei nº 11.340 de 7 de agosto de agosto.

Contudo, como já foi discutido acima, a criação da lei não foi suficiente pra cessar com a violência contra a mulher, constantemente presenciamos casos em que uma mulher, é vítima de assédio, violência e feminicídio.

3 CAPÍTULO II – A RESPOSTA NO PLANO DA TEORIA

3.1 SEMÂNTICA

Segundo Ribeiro (2016) o estudo da semântica surgiu da necessidade do homem em entender a linguagem e os seus significados, ainda na Grécia antiga, antes mesmo desse campo de estudo receber nome. A nomenclatura surgiu apenas no século XIX com Michel Bréal em um período em que a os estudos sobre a linguagem estavam focados na análise dos aspectos fonéticos, fonológicos e morfológicos da língua, focados na reconstrução da origem comum e nas transformações das línguas indo-europeias (ROCHA LIMA, 1972; ROBINS, 1979).

A semântica surgiu, então, com o intuito de focar no significado como um objeto de estudo autônomo. Até então, estudos do significado eram relegados a um subproduto da etimologia, sendo assim, entende-se porque Bréal é considerado o pai da semântica.

Ao apresentar a semântica como um campo de estudo, Bréal destaca a importância da intervenção humana nas transformações da língua distanciando-se da visão especificamente fonética.

A Semântica (do verbo σημαίνω, "significar", oposto a φωνέω, "falar") ou, como também foi chamada, a *Ciência das significações*, é de data recente. [...] Em vez de nos determos naquilo que as palavras foram, ela procura saber o que são; em vez de nos limitarmos a registrar as mudanças, ela procura as causas que as produziram. Ela é, em suma, uma ciência de observação, que tem seu lugar marcado ao lado da Fonética e da Morfologia [...]. (BRÉAL, 2008, p. 23).

Ao situar a semântica “ao lado da fonética e da morfologia”, Bréal reclama o tratamento como campo de estudo autônomo e indispensável à compreensão humana, como os outros já normatizados. Embora não tenha lançado um trabalho específico sobre a semântica moderna, Ferdinand Saussure com seu “Curso de Linguística Geral”, revolucionou o campo de estudo com a sua definição de signo linguístico, onde a união arbitrária entre *significante* e *significado* é a base da semântica estruturalista.

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante a um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*. Assim, a ideia de "mar" não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons [m-a-r] que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual [...]. (SAUSSURE, 2006, p. 81-82).

Quando define o signo como uma associação entre o significante e um significado, Saussure desvia o olhar da linguística do estudo histórico e diacrônico para uma análise sincrônica e sistêmica da língua, o que é uma grande mudança pois o significado deixa de ser visto como algo invariável dentro das relações com o mundo extralinguístico e tem o seu valor reconhecido dentro do sistema linguístico. Assim, o sentido de uma palavra passa a ser compreendido como dependente de suas relações de oposição com outras unidades do mesmo grupo.

Contudo, para essas relações intrínsecas entre o significante o significado, presente na dicotomia saussuriana, devemos levar em consideração que os significado podem não ter relações com a morfologia, mas se constrói inserido em um contexto

3.2 SIGNIFICAÇÃO E CONTEXTO

Para Ullmann, o nome é a configuração da palavra, o sentido é a informação que o nome comunica e a coisa é o acontecimento sobre o que falamos, assim, essa relação entre o nome e o sentido e coisa denomina-se significado. Ainda sobre o assunto, Saussure (1978, p. 139 apud Ullmann (1977) acrescenta que — a língua é um sistema de diferenças sem termos positivos — isso nos diz que o significado de um termo só pode ser compreendido em relação a outros dentro de um contexto linguístico.

Contudo, como relata Pires (2011, p. 45) o objeto de estudo da semântica, o “significado”, é impreciso, sendo assim — Definir o objeto de estudos da semântica não é uma tarefa simples — além disso — Não há consenso entre os semanticistas sobre o que se entende por ‘significado’. — Para essas dificuldades devem-se às diversas interferências às quais o significado é exposto, que vão desde as unidades lexicais até a “situação onde o enunciado ocorre”. (p. 46)

Ullmann, mostra uma estrutura metodológica que permite trabalhar as variações e mudanças do léxico de forma científica, propondo um entendimento equilibrado do contexto e reconhecendo a importância da situação e do contexto na interpretação semântica, mas também reitera que as palavras mantêm um núcleo sólido que não é nem fixo nem absoluto, mas uma referência a qual o contexto atua que abrange tanto o contexto verbal quanto o extralinguístico.

Há habitualmente em cada palavra um núcleo sólido de significado, relativamente estável, e que só dentro de certos limites pode ser modificado pelo contexto. (ULLMANN, 1964, p. 266)

Essa concepção permite estudar o léxico como um campo estruturado e dinâmico, onde o contexto atua ao mesmo tempo como um estabilizador (sincronicamente) e como um fator de mudança (diacronicamente).

No que diz respeito à divisão entre contexto verbal, sendo responsável por retirar os duplos sentidos do significado de termos polissêmicos, para Ullmann (1977, p. 238) “Há habitualmente em cada palavra um núcleo sólido de significado, relativamente estável, e que só dentro de certos limites pode ser modificado pelo contexto”. Entretanto, quando falamos em contexto de situação, a respeito do mundo extralinguístico, trata-se de tudo o que está além das barreiras da estrutura da língua como motor de mudança, “A mudança de significado é frequentemente provocada pelo uso de uma palavra em novos contextos ou âmbitos (situacionais, sociais ou profissionais)” (p. 441).

Compreende-se que o contexto não apenas determina o significado das palavras, em certo momento, também explica a evolução do léxico ao longo do tempo. Tornando-se o elemento de ligação entre a estrutura da língua e as experiências dos falantes. Desse modo, o contexto se relaciona com o mundo extralinguístico trazendo no uso da língua, as experiências e significados que o falante busca inferir no processo de comunicação. Ao processo de uso da língua a comunicação se elabora a partir das variações impostas pelo tempo.

3.3 DIACRONIA VERSUS SINCRONIA: RELACIONANDO O SIGNIFICADO ATRAVÉS DO TEMPO

Para Fiorin, antes de se entender a evolução semântica é necessário unir os: **modelos sincrônicos**: a forma como a palavra é organizada no léxico hoje e sua relação paradigmática e sintagmática, utilizada para descrever a organização do sentido hoje e os **modelos diacrônicos**: a forma como a história dos usos, os deslocamentos metafóricos e empréstimos explicam a existência desses sentidos e para melhor entender os dois modelos, utiliza a metáfora do corte de uma árvore.

A língua comporta-se como o tronco de uma árvore em crescimento, de modo que um corte transversal em seu lenho revela uma relação sincrônica entre os elementos que o compõem e um corte longitudinal revela um desenvolvimento diacrônico desses estados sincrônicos.” (FIORIN et al., *Introdução à Linguística I – Objetos teóricos*, 2002, p. 103)

Na metáfora podemos ver precisamente como Fiorin enxerga ambos modelos, em que o corte transversal seria o estado da língua, num certo momento, enquanto o corte na horizontal seria a representação de uma sequência de estados, ao longo do tempo.

Em sincronia os fatos linguísticos são observados quanto ao seu funcionamento, num determinado momento. Em diacronia os fatos são analisados quanto às suas transformações, pelas relações que estabelecem com os fatos que o precederam ou sucederam. (FIORIN, 2011, p.104).

Bassetto (2001, p. 41) distingue o campo da diacronia em duas categorias: o estudo da **história externa** que engloba fatores sociais, políticos, movimentos populacionais, substrato/superstrato/adstrato, enquanto o estudo da **história interna** abarca os processos fonético-fonológicos, morfossintáticos, lexicais da língua. A distinção feita por Bassetto contribui para a compreensão das mudanças do significado ao longo do tempo, enquanto a história externa mostra essas mudanças no âmbito social e cultural, a interna foca na efetivação dos mecanismos linguísticos que tornam essas alterações reais como o uso de metáforas, metonímias. Juntas, as duas categorias explicam por que o léxico de uma língua está em constante mudança.

3.3.1 POLISSEMIA

A polissemia é um fenômeno fundamental e natural da língua humana onde um vocábulo pode ter vários significados. Situando-se como fenômeno em que um termo linguístico pode possuir dois ou mais significados em diferentes contextos. Ullmann (1977) divide a existência do fenômeno polissêmico em cinco causas, contudo este estudo será focado apenas nas três primeiras causas.

a) Mudanças de aplicação: de acordo com Ullmann as relações de significado sofrerão uma alteração de acordo com quem os utiliza, essas diferenças ficam mais visíveis com palavras abstratas podendo haver uma grande separação sem que o núcleo do seu significado seja danificado, essas mudanças de aplicação geram a multiplicidade de significados.

[..] as palavras têm um certo número de aspectos diferentes, de acordo com o contexto em que são usadas. Alguns destes aspectos são puramente efêmeros; outros podem transformar-se em matizes permanentes de significado e, à medida que aumenta a separação entre eles, poderemos mesmo chegar a

considerá-los como sentidos diferentes do mesmo termo. Ullmann (1977, p. 331)

b) Especialização num meio social ocorre quando há atribuição de sentido próprio a um termo, automaticamente, dentro de um grupo social ou profissional específico, sem que haja uma explicação detalhada,

há uma certa ideia que está tão presente na mente de cada um, tão claramente implicada, que parece desnecessário declará-la quando se fala [...] deste modo, a mesma palavra pode adquirir um certo número de sentidos especializados, dos quais um só será aplicável em determinado meio. Ullmann (1977, p. 334)

Este sentido só pode ser compreendido automaticamente pelos integrantes do grupo porque está presente em seu repertório linguístico e todos já conhecem o contexto envolvido.

Uma palavra pode adquirir um ou mais sentidos figurados sem perder o seu significado original: o velho e o novo viverão lado a lado, desde que não haja possibilidade de confusão entre eles. Deste modo, um certo número de metáforas pode, como afirmou um pioneiro da semântica moderna, irradiar do sentido central. Ullmann (1977, p. 338)

Nesse sentido, as relações de significado podem estar relacionadas com fenômenos abstratos tanto de ordem emotiva como social, mas que irradia um sentido central, assim se apresenta em textos literários que se constroem sob bases metafóricas de uma época, espaço diacrônicas e se revestem de sentido na sincronia. “[...] esta falta de fronteiras é ainda mais evidente, uma vez que as distinções são em larga medida estabelecidas pelo homem. (ULLAMN 1977, p.161) Os significados não se perdem entre uma época e outra, se mantem através de formas linguísticas que os revestem.

3.3.2 METÁFORA

Segundo Lakoff & Johnson (1980 apud Strey 2010) primeira definição de metáfora foi apresentada por Aristóteles para conceituar a utilização de um vocábulo com um sentido diferente do que se tem, a partir deste ponto surgiram diversos estudos ao longo do tempo sobre a temática. A metáfora não está presente apenas nas palavras ou na gramática, mas faz parte da forma como concebemos e compreendemos o mundo ao nosso redor. Quando fazemos uso de uma metáfora estamos mapeando conceitos de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato.

Para Ullmann (1977, p. 338), a metáfora um elemento fundamental e indispensável para o exercício da linguagem, agindo como um dos principais mecanismos responsáveis pela expansão da língua, através da criação de novos sentidos.

A metáfora está tão intimamente ligada com a própria tessitura da fala humana que a encontramos já sob diversos aspectos: como um factor primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinonímia e de polissemia, como uma fuga para as emoções intensas, como um meio de preencher lacunas no vocabulário, e em diversos outros papéis. Ullmann (1977, p. 442)

Possibilitando que parte do significado de um termo seja transferido a outro sem que seu significado original seja alterado. “Esta possibilidade de transposição metafórica é fundamental para a actividade da língua” (ULLMANN, 1977, p. 338). Permitindo que a linguagem expresse valores afetivos, atitudes e percepções subjetivas indo além do sentido literal, por isso é considerada o principal recurso na transmissão dos fatores emotivos.

Sua estrutura se divide em: o objeto do qual se fala (teor) e o que é utilizado para fazer a comparação (veículo), podendo ser ter uma semelhança objetiva quando se baseia em características física, visíveis e concretas ou semelhança emotiva quando se baseia em uma sensação, experiência ou percepção emocional. Ullmann divide as metáforas de acordo ao tipo de relações de semelhança ou troca de significado que elas expressam, ele explica que existem quatro categorias de grupos metafóricos:

- a) **Metáforas antropomórficas** ocorre quando há a atribuição de características humanas a objetos inanimados, pode ocorrer também a transferência reversa onde partes do corpo humano recebe nomes de objetos inanimados.

A maior parte das expressões que se referem a objetos inanimados [...] são tiradas por transferência do corpo humano e das suas partes, das paixões e dos sentidos humanos. O homem ignorante converte-se a si próprio na medida do universo. Ullmann (1977, p. 442)

Para um melhor entendimento acerca do tema, Ullmann traz a explicação de Giambattista Vico (século XVIII), que segundo ele, é o primeiro filósofo a perceber esse fenômeno.

- b) **Metáforas animais:** este grupo de metáforas, Segundo Ullmann, se divide em dois subgrupos em que um se refere a nomenclatura de plantas e objetos inanimados a partir de sua semelhança, sendo ela real ou fantasiosa com espécies do reino animal. O

segundo subgrupo se refere a classificação de comportamentos humanos a partir de características do reino animal.

Por fim, o autor completa que “embora as imagens animais se contem entre os mais antigos artifícios do estilo literário [...] nada perderam da sua força expressiva e evocadora.” (p. 448). Como a descrição de Medusa que, em sua aparência de monstro, transformava os homens em pedra como uma forma de castigo.

c) **Do concreto ao abstrato:** ocorre a partir da tradução de conceitos abstratos, ou seja, algo que não é palpável, como o conhecimento, em imagens concretas, assim “tais transferências prosseguem continuamente; de facto seria impossível discutir sem elas qualquer assunto abstracto.” (p. 449)

d) **Metáforas sinestésicas:** Neste grupo ocorre quando se expressa uma sensação sensorial através de outra sensação havendo assim, a troca entre diferentes sentidos humanos (tato, olfato, paladar), em uma expressão.

Ullmann explica que “fazemo-lo por percebermos uma *es un terme donné est comme le centre d’une constellation, le point où convergent d’autres termes coordonnés, dont la somme est indéfinie*. pécie¹⁵ de semelhança entre a temperatura quente ou fria e a qualidade de certas vozes, o que significa que este tipo de metáfora trabalha a partir das relações de associação mental e física entre os sentidos.”

As associações metafóricas convergem para um significado que se alia a um termo linguístico a partir das relações contextuais. Os significados se encontram tanto no aspecto social como histórico. São metáforas representadas a partir do concreto ao abstrato que sob o aspecto sincrônico da época em que foi produzida segue com um continuum em um estudo diacrônico, possibilitando a associação de significados apresentados em camadas sincrônica. O novo termo linguístico assume a representatividade do significado inserido no passado e mantido no presente.

3.4 CAMPOS SEMÂNTICOS OU ASSOCIATIVOS – ENCONTRO DE METÁFORAS EM DIACRONIA VERSUS SINCRONIA

¹⁵ Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto onde convergem outros termos coordenados, cuja soma é indefinida.

De acordo com Ullmann (1977) a teoria dos campos semânticos surge a partir dos estudos feitos por Jost Trier e 1931, que estabelece as bases para uma abordagem sistemática do léxico a partir das relações entre significante e significado, com base nos trabalhos de William Stern, sobre os campos semânticos termos alemães, ligados as ideias de conhecimento e inteligência. Ao unir o plano conceitual à expressão, Trier esboça a ideia de campo semântico, possibilitando um melhor entendimento da organização interna do léxico, tornando-se assim o principal estudioso na teorização dos campos semânticos.

Lopes (1993, p. 242) corrobora com os estudos de Trier de que os sentidos ligados linguisticamente recobrem certos domínios da realidade que se ajustam como peças de um quebra-cabeça. Assim, os campos semânticos se formam a partir da coerência interna de cada elemento e pela relação com outros campos externos da mesma língua formando um sistema de fronteiras e inter-relações.

O próprio léxico pode ser considerado, em seu conjunto, como um imenso campo associativo (no dicionário as palavras definem-se umas às outras, num processo metalinguístico interminável), cujas fronteiras coincidem. A cada instante, com as fronteiras da própria cultura que a língua expressa. Lopes (1993, p. 242)

Ullmann, seguindo as teorias Saussurianas, complementa que, “todas as palavras estão cercadas por uma rede de associações que as ligam com outros termos”. Um termo dado é como que o centro de uma constelação, o ponto onde convergem outros termos coordenados, cuja soma é indefinida”. (p.499)

Ao trazer este pensamento, Ullmann indica que o significado ocupa uma posição dentro de um sistema, porém não tem fronteiras rígidas, as associações podem ser através dos sons ou da grafia, através dos significados ou através dos dois, em uma semelhança, ao mesmo tempo, de forma e sentido. (Ullmann, p.500,501) A correlação entre elementos do texto cria uma hierarquia delimitada para as relações que ligam as palavras entre si, organizando o vocabulário e criando fronteiras dentro do campo. Através do campo semântico é possível encontrar uma explicação para mudanças sutis de significado ou mesmo observar que o significado se mante através do tempo, representado por diferentes metáforas.

Ao organizar uma pesquisa a partir das teorias dos campos semânticos, torna-se possível analisar os significados através da associação de sentidos de determinadas palavras, uma vez que esta estruturação fornece uma ampla base de dados para as diversas conexões que as palavras podem fazer.

[...] a teoria dos campos fornece um método valioso para abordar um problema difícil, mas de crucial importância: a influência da linguagem no pensamento. Um campo semântico não reflete apenas as ideias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada da experiência através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada e antiquada que todo o campo tenha que ser refeito. (ULLMANN, 1977, p. 523).

Rector & Yunes (1980, p. 75), definem o campo semântico como um “domínio do vocabulário onde as unidades são interdependentes, delimitando e precisando cada uma delas o conteúdo de outra do mesmo conjunto” estando reunidas através de relações semânticas presentes entre elas, possibilitando a utilização de diversas palavras com uma única finalidade discursiva.

Complementando esta afirmação, Henriques diz que “campos semânticos é o conjunto das significações assumidas por uma palavra num certo enunciado, que tem o objetivo de definir os empregos da palavra e fazer o levantamento dos termos aos quais ela se associa ou se opõe”. (HENRIQUES, 2011, p. 78).

Diante disto, a concepção estrutural de Rector e Yunes descreve a organização sistêmica das palavras, enquanto a abordagem de Henriques revela como essas relações são modificadas no discurso, mostrando que o campo semântico se constitui simultaneamente como estrutura lexical e como efeito contextual de significação.

Conjunto de palavras não necessariamente aparentadas etimologicamente, nem ligadas por associações psicológicas individuais, arbitrárias e contingentes que, colocado lado a lado como pedras de um mosaico, recobrem exatamente um domínio bem delimitado de significações constituído tradicional ou cientificamente pela experiência humana. (TRIER apud RECTOR & YUNES, 1980, p. 75).

Trier impulsiona o desenvolvimento da semântica moderna e estimula também o avanço das teorias existentes. Dessa forma, Trier acreditava que as ligações entre vocábulos iam além das relações etimológicas e morfológicas, isso ocorre por que certas palavras, mesmo sendo diferentes umas das outras, quando inseridas no mesmo grupo conceitual, fazem ligações com outros termos desse grupo, formando uma rede de associações que compõem o campo semântico ao qual fazem parte.

Henriques, (2011) apresenta diferentes definições sobre as associações entre palavras destacando os campos conceituais, campos associativos e campos semânticos. Segundo ele, os campos conceituais, que muitas vezes é confundido com os campos associativos, tratam da organização de processos de representação social organizados a partir da união de unidades lexicais, enquanto os estudos dos campos semânticos são focados na complexidade do léxico.

Assim o uso dos campos semânticos envolve a análise e organização dos vocábulos a partir de suas relações de significados para melhor compensação do fenômeno da polissemia.

Segundo Ullmann (1977, p. 500), Os campo associativo de uma palavra é formado por uma série de associações podendo ser algumas por semelhança, outras por aproximação, surgindo entre o sentido, nomes ou ambos,

O campo é por definição aberto, e algumas das associações estão condenadas a ser subjectivas, embora as mais centrais sejam em larga medida as mesmas para a maioria dos locutores. Ullmann (1977, p. 501)

Nessa perspectiva, uma única palavra pode se mostrar com diversos significados diferentes, considerando a sua rede de significações e o contexto discursivo. Desse modo, ao analisar termos como o assédio e o feminicídio revela-se uma complexidade semântica que está além da definição legal mobilizando uma intrincada rede de significações que abrangem dimensões:

- **Sociológicas** através das relações de gênero e estruturas de poder.
- **Psicológicas** a partir dos traumas, vitimização e danos emocionais.
- **Jurídicas** através de legislação, qualificação de crimes e,
- **Culturais** com as normas sociais, estereótipos e tolerância.

A criação dessa rede exige processos de interpretação diferenciados e análise minuciosa para a devida compreensão dos fenômenos. As relações entre os significados estão imbricadas, esses aspectos podem ser observados por diferentes óticas, Assim quando dois termos linguísticos são direcionados para ações, a escolha de significados estaria em diferentes ciências, buscando esclarecer com mais veemência o comportamento humano.

O campo semântico de um termo linguístico, que denomina uma ação humana em movimento de diferentes áreas, torna-se um caminho para muitas ciências que busca analisar o fenômeno. A língua em movimento estabelece o elo com sociedade.

4 CAPITULO III – DA DIACRONIA A SINCRONIA: ASSÉDIO E FEMINICÍDIO

4.1 AS METÁFORAS QUE DENUNCIAM ASSÉDIO E FEMINICÍDIO

Ao longo da pesquisa, observou-se que as palavras podem representar múltiplos sentidos em diferentes e espaços. A palavra nos leva a observar que lutas sincrônicas são construções diacrônicas. Estes sentidos são formados pelas conexões que cada significado estabelece no contexto das ações humana. A história se repete sem que observemos que a realidade estava sendo construída. As ações humanas podem não ser denominadas em espaços distantes, mas essas se mantem até que a língua lhe permita uma denominação.

São espaços em que a polissemia é representada pela metáfora, os significados das ações humanas registrados, sem uma denominação precisa, contudo, a repetição do ato humano, torna-se uma cobrança em um espaço linguístico. Desta forma, o reconhecimento da perseguição do homem diante de uma mulher representa assédio. Ao mesmo tempo que a morte causada pelo assédio torna-se feminicídio.

Considerando que o termo linguístico passa a ser o denominador de ações humanas e, e estes se encontram interligados com a realidade produzida. Compreendemos que fazem parte do mesmo campo semântico, já que compartilham de cargas significativas pertencentes ao mesmo domínio da realidade. A construção dos campos semânticos se origina através de traços literário presentes no passado e se coaduna com o presente.

4.1.1 ASSÉDIO: CAMINHOS DO FEMINICÍDIO

Ovídio, em sua obra, utiliza a transformação dos personagens em diversos elementos da natureza para as representar emoções e contravenções inerentes ao ser humano, sugerindo uma harmonia entre o humano e o natural. Contudo o caminho que escolhemos percorrer nessa pesquisa é falar sobre a violência sofrida, pelas personagens femininas em muitos mitos da obra, as suas transformações acontecerem por vingança de um deus pela rejeição, como castigo por terem seus corpos violados ou a pedido da própria personagem para fugir de um estupro como ocorre na transformação de Dafne em uma árvore para fugir da perseguição de um deus, como mostra o trecho a seguir:

4.1.2 CAMPOS SEMÂNTICOS ASSÉDIO

O termo assédio originalmente descrito como uma ação física de cerco, torna-se uma denominação judicial de perseguição, sendo caracterizado como crime, em que a vítima recorre a justiça para sua proteção. Caracterizado por constrangimento com a finalidade de obter vantagens sexuais, suas formas de cerco se materializam na perseguição de uma mulher em que o assediador utiliza seu poder e força como forma de subjuga-la.

Ovídio, em sua obra nos introduz no sentido do assédio de forma contemporânea, extremamente moderna quando relacionada a perseguição de um homem sobre uma mulher, a relação de um poder que enfraquece a vítima diante do mundo que a cerca. A fuga é instancia da mulher, a perseguição a instancia do homem. Sob essa ótica, os textos apresentados nos direcionam para metáforas polissêmicas, cujo o sentido se repete no tempo e no espaço.

- a) Dafne (Ovídio, livro I, pg 77-85):** O trecho a descreve como filha de Peneu, o Deus-rio de Tessália, como sendo a primeira paixão de Apolo. Uma obsessão marcada pela flecha de Cupido.

Foge assim a ovelha do lobo, assim foge a corça do leão, e, de asa trepidante foge assim as pombas da águia. (Pg. 81, linhas 2-3)

Procura saber a quem agradaste! Não sou um serrano, nem sou um pastor. (Pg. 81, linhas 9-10)

Como um cão de Gália, quando avista uma lebre em terreno aberto, confia ele às pernas a possibilidade de alcançar a presa. (Pg. 83, linha 1-2)

Ele, veloz, em razão da esperança; ela, em razão do medo. (Pg. 83, linha 8)

QUADRO VII – CAMPO SEMÂNTICO ASSÉDIO – DAFNE

TIPOS DE ASSÉDIO	O TEXTO	METÁFORA	SIGNIFICADO
STALKING	Foge assim a ovelha do lobo	Animal Traços do animal para humano	A perseguição caracterizando a fragilidade da vítima.
	assim foge a corça do leão		
	as pombas da águia		
	Como um cão de Gália, quando avista uma lebre em terreno aberto	Concreto ao abstrato:	Posição de poder
	Não sou um serrano nem sou um pastor		
	confia ele às pernas a possibilidade de alcançar a presa	Animal Traço do animal para o humano	Caracterizando a força do perseguidor
	Ele, veloz, em razão da esperança; ela, em razão do medo.	Do concreto ao Abstrato	Sentimentos do perseguidor e da vítima

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Metamorfoses, p. 77-85.

b) Io (Ovídio, livro I, pg.85-93)

Io, filha de Ínaco, primeiro rei de Argos, era uma ninfa de beleza incomum. O Mito de Io é um dos primeiros mitos onde Jupiter (Zeus), estupra uma jovem que desperta sua cobiça. O deus mente, engana e através da metamorfose utiliza mecanismos para satisfazer os seus desejos momentâneos.

Se tu receias entrar sozinha em um **esconderijo de feras**, na companhia de um deus irá **segura até o fim do bosque**. (Pg. 87, linhas 6-7)

E não é da companhia de um deus da plebe, mas na minha, que empunho o poderoso cetro celeste, na minha, que lanço o raio errante. (Pg.87, linhas 8-10)

Deixara já para trás os prados de Lerna e os campos de Lirceu cobertos de alvoredo. (Pg.87, linhas 10-12)

[...] quando o deus cobriu a extensão da terra de uma nuvem escura, lhe susteve a fuga e lhe roubou a honra. (Pg. 87, linhas 12,13)

Argo tinha a cabeça rodeada por um cento de olhos que se relacionavam dois a dois de cada vez. Os outros vigiavam e mantinham-se a postos.

Estivesse de que modo fosse, estava voltado para lo. Mesmo estando de costas, lo estava à sua frente. (Pg. 89, linhas 13-17)

QUADRO VIII - CAMPO SEMÂNTICO ASSÉDIO – IO

TIPO DE ASSÉDIO	O TEXTO	METÁFORA	SIGNIFICADO
MORAL	E não é da companhia de um deus da plebe , mas na minha, que empunho o poderoso cetro celeste , na minha, que lanço o raio errante .	Do Concreto ao Abstrato	A relação de poder econômico, como vantagem para mulher. Uma comparação entre pobreza e riqueza
	Se tu receias entrar sozinha em um esconderijo de feras , na companhia de um deus irá segura até o fim do bosque .		Relação da proteção diante do perigo
STALKING	Deixara já para trás os prados de Lerna e os campos de Lirceu cobertos de Arvoredo		A fuga diante da perseguição.
	quando o deus cobriu a extensão da terra de uma nuvem escura, lhe susteve a fuga		Controle dos passos dificultando os movimentos.
SEXUAL	lhe roubou a honra		O termo roubo refere-se ao ato sexual sem permissão, hoje reconhecemos como estupro.
STALKING	Argo tinha a cabeça rodeada por um cento de olhos que se relacionavam dois a dois de cada vez. Os outros vigiavam e mantinham-se a postos. Estivesse de que modo fosse , estava voltado para lo. Mesmo estando de costas , lo estava à sua frente.	Sinestésica	Os trechos em negrito referem-se a vigilância impedindo os movimentos.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Metamorfoses, p.85-93.

c) Aretusa (Ovídio, livro V, pg.307-313)

Tanto mais ele me persegue e se abraça. E, porque estava nua, mais disponível lhe pareço. Ovídio, livro V, p. 309, linhas 29-30

Assim corria eu, assim me perseguia aquele selvagem como do falcão costumava fugir, de asa trepidante, as pombas, como o falcão costumava perseguir as temerosas pombas. Ovídio, livro V, p. 311, linhas 1-3

Mas o ruído dos seus passos assustava-me de verdade, e o forte arfar de sua boca soprava as fitas do meu cabelo. Cansada pelo esforço da fuga, suplico: “fui apanhada”! Ovídio, livro V, p. 311, linhas 13-15

O rio reconhece as águas que ama e, depondo a feição humana que havia assumido, muda-se nessas mesmas águas, para se unir a mim. Ovídio, livro V, p. 313, linhas 2,3

QUADRO IX - CAMPO SEMÂNTICO ASSÉDIO – ARETUSA

TIPOS DE ASSÉDIO	O TEXTO	METAFORA	SIGNIFICADO
STALKING	Tanto mais ele me persegue e se abraça. E, porque estava nua, mais disponível lhe pareço	Do Concreto ao Abstrato	Satisfação ao perseguir a vítima, diante de sua fragilidade
	Assim corria eu, assim me perseguia aquele selvagem como do falcão costumava fugir, de asa trepidante, as pombas , como o falcão costumava perseguir as temerosas pombas.	Animal	A fragilidade da vítima diante da força do perseguidor
	Mas o ruído dos seus passos assustava-me de verdade, e o forte arfar de sua boca soprava as fitas do meu cabelo. Cansada pelo esforço da fuga, suplico: “fui apanhada”!	Sinestésica A audição	Os trechos destacados referem-se ao constante estado de alerta em que se encontra a vítima. Ouve os passos, sente sua respiração muito perto
	O rio reconhece as águas que ama e, depondo a feição humana que havia assumido, muda-se nessas mesmas águas , para se unir a mim	Antropomórfica Uma mudança de forma humana par inanimada	Os trechos referem-se ao perseguidor chegando ao mesmo ambiente em que vítima se encontrar.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Metamorfoses, p.307-313.

Os campos semânticos nos remetem a polissemia social, presente em ações humanas em que as relações entre homens e mulheres são constituídas a partir do poder patriarcal. Não se trata de análise de um discurso, mas o registro da presença do Assédio em diferentes épocas, caracterizando a forma de como a lei caracterizado os atos de perseguição. Ao mesmo tempo em que revalida a proteção social, política e jurídica do papel da mulher na sociedade.

Nos trechos destacados o homem representa sempre um deus e as mulheres são só objeto de desejo. São questões inerentes domínio sobre a mulher, em espaços de conquista, por parte de homens que não aceitam a negação de investida. A utilização do poder e da perseguição suas armas que intimidam, enfraquece, e levam muitas vezes a morte.

4.1.3 CAMPOS DO ASSÉDIO AO FEMINICÍDIO

Os campos semânticos referem-se aos mesmos personagens representados para análise sobre o termo Assédio e seus significados no texto do personagem que, após perseguição, são retiradas de suas vidas. É morte de uma mulher que disse não.

a) Dafne

Pai! ¡Socorro! Se é que vós, os rios, tendes algum poder divino, destrói e transforma esta aparência pela qual agradei tanto. Ovidio, Linhas 14-15

[...] seu elegante seio é envolvido numa fina casca, cresce-lhe a ramagem no lugar dos cabelos e os ramos no lugar dos braços. Ovidio, livro I, Linhas 17-18

O pé, tão veloz ainda agora, fica preso qual forte raiz. Ovidio, livro I, Linha 19

A sua cabeça é copa de árvore. Só o brilho nela se mantém. Ovidio, livro I, Linha 20

Pousando-lhe no tronco a mão, sente ainda o palpitar do coração sob a nova casca. Ovidio, livro I, Linhas 21-22)

Diz-lhe o deus: “Já que não podes ser minha mulher, serás certamente minha árvore [...]”. (Pg. 83, linhas 25,26)

b) Io

Júpiter havia pressentido a chegada da esposa e transforma a filha de Ínaco em cândida novilha (p. 87, linhas 24-25)

Tenta lamentar-se. Sai-lhe da boca um mugido. (Pg. 89, linha 25)

És tu a filha que eu procurei da terra inteira? Eras para mim dor menor enquanto perdida do que depois de encontrada. (Pg. 91, linhas 8-10)

c) Aretusa

Enquanto me assedia, invade-me um frio suor e de todo o meu corpo escorrem azuladas gotas. (Pg. 311, linhas 29-30)

Onde quer que ponha o pé, desse lugar mana água, e de meus cabelos cai água também. (Pg. 311, linhas 31-32)

E mais depressa do que agora te conto, me converto em água (Pg. 313, linha 1)

QUADRO X – FEMINICÍDIO

	MITOS	O TEXTO	METAFORA	SIGNIFICADO
FEMINICÍDIO	Dafne	Pai! ¡Socorro! Se é que vós, os rios, tendes algum poder divino, destrói e transforma esta aparência pela qual agradei tanto.	Do concreto ao abstrato	A mulher abre mão de ser ela, contanto que perseguidor a deixe em paz
		[...] seu elegante seio é envolvido numa fina casca, cresce-lhe a ramagem no lugar dos cabelos e os ramos no lugar dos braços.	Metamórfica	A morte vem os poucos, é desistindo de seu eu, não é mais seu corpo é um ser vazio e sem vida.
		Diz-lhe o deus: “Já que não podes ser minha mulher, serás certamente minha árvore [...]”.	Do concreto ao abstrato	Dafne morreu A obsessão que levou a tragédia.
	Io	Júpiter havia pressentido a chegada da esposa e transforma a filha de Ínaco em cândida novilha .	Metamórfico	A morte de Io revela a hipocrisia de um homem casado, ele mata a mulher que disse não.
	Aretuza	Enquanto me assedia, invade-me um frio suor e de todo o meu corpo escorrem azuladas gotas. Onde que ponha o pé, desse lugar mana água, e de meus cabelos cai água também.	Sinestésico Tato	O medo a invade Aretusa morre aos poucos, seu corpo sente a força da morte.
		E mais depressa do que agora te conto, me converto em água		Aretusa morre por dizer não

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em *Metamorfoses*, p. 77-313.

4.1.4 ASSÉDIO, FEMINICÍDIO: SILENCIAMENTO E CONDENAÇÃO

a) Medusa (Ovidio, livro IV, p. 269)

Antes de falar sobre esse mito é importante destacar que em *metamorfoses*, livro de Ovídio, a Medusa não ganhou um mito próprio, o que se sabe de sua história é fruto de menções nos livros IV e V, no mito de Perceu em que sua história é narrada.

Medusa seria, talvez, a personagem mais injustiçada dentre as já mencionadas. Foi estuprada dentro do templo da deusa que venerava, transformada em um ser monstruoso e seus cabelos, símbolo de sua beleza, transformados em serpentes. Essa personagem mítica,

representa muitas mulheres estupradas que são acusadas por suas vestes, seu corpo, sua forma de ri, de andar, dentre muitos atributos que a sociedade justifica por ter sido assediada, estuprada e morta.

Contudo, a representação do seu feminicídio, diferente dos outros mitos apresentados, não está em sua transformação, mas sim, posteriormente quando Perceu, um semideus, filho de Jupiter, tira a sua vida definitivamente.

Haynes (2021, p.96) nos faz uma descrição de como teria sido este momento, baseado na pintura de um vaso grego,

Há um *pelike* – jarro- de figuras vermelhas no Museu Metropolitano de Nova York, que possui quase meio metro de altura e foi pintado por um artista chamado Polignoto. Ele foi datado em cerca de metade do quinto século B.C.E.¹⁶ e mostra Perceu atacando Medusa.

A descrição do vaso abaixo reitera o nosso pensamento de que a morte de medusa é um feminicídio e a negligencia de Atena enquanto justiça.

Medusa esta adormecida, suas asas esticadas em suas costas. Seu rosto é desenhado com algumas linhas simples – uma para cada sobrancelha, uma para cada olho fechado, duas para seu nariz e boca. [...] Medusa é – atipicamente, neste ponto da história dela – retratada como uma bela mulher, ao invés de meio monstro: não há serpentes aqui. [...] Pode ser a representação mais amistosa de Medusa em qualquer meio. Isto revela o que a maioria do mito obscurece: despoja da dinâmica monstro/herói, tudo o que vemos é um homem matando uma mulher.

QUADRO XI – TRADUÇÃO LATIM/PORTUGUES

TEXTO EM LATIM	TRADUÇÃO PORTUGUES
<p>Clarissima forma multorumque fuit spes invidiosa procorum illa: neque in tota conspectior ulla capillis pars fuit. Inveni, qui se vidisse referret. Hanc pelagi rector templo vitiasse Minervae dicitur. Aversa est et castos aegide vultus nata Iovis textit; neve hoc inpune fuisset, Gorgoneum crinem turpes mutavit in hydros. Nunc quoque, ut attonitos formidine terreat hostes, pectore in adverso, quos fecit, sustinet angues. (Ovídio, Metamorfoses, IV. v. 795- 804)</p>	<p>famosa por sua beleza, ela provocou a cobiça de muitos dos nobres, e em toda ela não havia parte mais digna de admiração do que os cabelos. Encontrei quem dissesse que a havia visto. Consta que o Rei do Mar a desonrou num templo de Minerva. A filha de Júpiter voltou-se e cobriu o casto rosto com a égide. E, para que o fato não ficasse impune, mudou os cabelos da Górgona em horrendas serpentes. Ainda agora, para aterrorizar e tolher de medo os seus inimigos, ostenta no peito as serpentes que criou."</p>

Fonte: Adaptado de metamorfoses, tradução livre.

[...] famosa por sua beleza, ela provocou a cobiça de muitos dos nobres.
(Pg. 269, linhas 8-9)
Consta que o Rei do Mar a desonrou num templo de Minerva.

¹⁶ Before Common Era — Tradução da autora: Antes da Era Comum

(Pg. 269, linhas

12)

A filha de Júpiter voltou-se e cobriu o casto rosto com a égide.

(Pg. 269, linhas 13-14)

QUADRO XII – ASSÉDIO E FEMINICÍDIO – MEDUSA

	O TEXTO	METAFORA	SIGNIFICADO
ASSÉDIO STALKER	[...] famosa por sua beleza, ela provocou a cobiça de muitos dos nobres.	Do concreto ao abstrato	Culpabilizando a vítima por sua aparência física
ASSÉDIO SEXUAL	Consta que o Rei do Mar a desonrou num templo de Minerva		Estupro
SILENCIMENTO	A filha de Júpiter voltou-se e cobriu o casto rosto com a égide		O silenciamento da sociedade. “Melhor fingir que não vejo”
FEMINICÍDIO PUNIÇÃO A VÍTIMA	E, para que o fato não ficasse impune, mudou os cabelos da Górgona em horrendas serpentes		A morte de Medusa é metáfora do apagamento como mulher, agora um monstro. Entretanto, mais uma vez, a vítima sofre a penalidade

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Metamorfoses e Haynes, 2021.

Essa cobiça e possessão dos corpos é uma característica muito comum nos mitos apresentados, são espaços linguísticos que caracterizam as ações humanas, em particular de homens que assediam mulheres, utilizando a relação de poder diante da sua superioridade de posição, seja física ou social, diante da mulher. O significado inserido nesse contexto se mantém no tempo e no espaço.

Com base nos mitos pesquisados, formulamos um quadro com as principais características dos mitos, e foi possível perceber que existe sempre um padrão entre as posições de poder em que estão as vítimas e os agressores, bem como a natureza da coerção e o objetivo.

O agressor é sempre um deus e a vítima uma ninfa ou sacerdotisa, demonstrando explicitamente a relação de poder que existe, o deus utiliza seu espaço de domínio para impor a sua vontade diante, a agressão torna-se mental, o medo destrói as defesas, e física, chegando a agressão, formalizada por estupro. Observa-se no mito a busca por ajuda, no entanto a vítima é sempre punida, mesmo que esta seja uma forma de proteção. O agressor nunca é citado como alguém que cometeu um ato ilícito.

O assassinato de uma mulher está diretamente relacionado com assédio. Nesse espaço entre a vivência e a morte, o assédio é o caminho. A importância da interferência da sociedade

e da presença do estado, se reflete na história de Maria da Penha. O assédio foi um caminho percorrido com muita dor.

4.1.5 MEDUSA X MARIA DA PENHA: ENCONTROS E DESENCONTROS

Medusa é uma figura da mitologia que inicialmente teve seus primeiros registros na Teotônio de Hesíodo, como uma figura monstruosa, a única górgona mortal entre três irmãs, mas foi em Ovídio que se popularizou a narrativa da Medusa vítima de incontáveis injustiças. Maria da Penha, uma ativista que deu nome à principal lei em defesa das mulheres, não padrões que perpassam as barreiras do tempo e se encontram na análise do assédio e do feminicídio.

Os dois casos foram escolhidos por representarem a violência de gênero em diferentes esferas, Medusa enquanto arquétipo da vítima que tem sua identidade e sofrimento transformados em monstruosidade como uma punição injusta no lugar do seu agressor e Maria da Penha que se torna um símbolo de luta e resistência contra a violência doméstica, a violência institucional e a negligência por parte de uma instituição que ao invés de protegê-la apenas negligência a sua dor. Os dois casos demonstram um padrão histórico na cultura patriarcal de punir a mulher pelo seu sofrimento ao invés de punir o seu agressor.

Tanto a transformação de Medusa em uma figura monstruosa e na dupla violência sofrida por Maria Da Penha no judiciário expõem como as estruturas de poder, divina no aspecto mitológico (Minerva/Atena) e jurídica na contemporaneidade (poder Judiciário) atuam na preservação da autoridade e ordem institucional que atuam a favor do homem e punindo pelo trauma sofrido ou negligenciando a responsabilização.

A comparação entre os dois casos nos mostra um padrão estruturado no abuso fundado na hierarquia de poder, onde, tanto Neturno/Poseidon (mitológico/divino) quanto Marco Antônio Viveros (plano conjugal) representam uma figura masculina que estão em uma posição de poder e por isso exercem a violência baseando-se numa posição de autoridade e certeza de impunidade. A partir do gênero que causa sofrimento físico e psicológico é possível perceber o fenômeno da violência de gênero. Refletindo a histórica relação de desigualdade entre homens e mulheres.

Através da transformação de medusa podemos perceber a manifestação física do julgamento e do estigma social lançado sobre a mulher vítima de violência sexual, na atualidade as mulheres vítimas de estupro não são transformadas em monstros, mas são submetidas ao juízo de valor da sociedade, sendo questionadas sobre suas roupas, seu comportamento, sua vida sexual.

Esta culpabilização da vítima está tão naturalizada em nossa sociedade que é comum ver e ouvir tais coisas dentro de nossa casa, em grupos de amigos ou em casos extremos, no judiciário, como argumento para descredibilizar a acusação enquanto revitimiza a vítima como ocorreu no julgamento por estupro da jovem Mariana Ferrer.

O Caso de Mariana Ferrer refere-se ao estupro da jovem em 2018, aos 21 anos, e a grande repercussão que gerou quando, a divulgação de vídeos do julgamento e da conduta humilhante que o advogado de defesa com a vítima. Posteriormente, foi sancionada a Lei 14.245/2021 conhecida como Lei Mariana Ferrer que tem como objetivo proibir humilhações e violências psicológicas contra vítimas e testemunhas de crimes em processos judiciais.

Neste caso, no caso de Maria da Penha e em muitos outros é perceptível a negligência no poder judiciário e sua falha em proteger a vítima assim como no mito de Medusa, onde Minerva/Atena falha em proteger sua devota, negligenciando sua dor e punindo pela violência sofrida.

A filha de Júpiter afastou os olhos e cobriu com a égide o casto rosto.
E, para que o fato não ficasse impune,
Transformou os cabelos da Górgona em horríveis serpentes.
(Ovídio, Metamorfoses, IV. V. 795- 804)

Existem versões onde, Minerva/Atena teria metamorfoseado Medusa em um ato de compaixão como aponta Haynes (2023),

Nesta interpretação, Atena salva Medusa de sofrer novas violências sexuais ao torna-la indesejável para outros deuses que podem e vão subjuga-la. Medusa também é armada contra agressores, porque adquire o poder de transforma-los em pedras. Mas definitivamente não está claro, na versão de Ovídeo, que a aparência petrificante de medusa é um presente de Atena, ou se de fato isso vem depois de sua conversão serpentina. Haynes (2023, p.90)

Contudo, Haynes, já havia dito de que não era comum a deusa favorecer as mulheres, o que nos direciona novamente ao pensamento de que a deusa puniu a vítima pela agressão sofrida.

Como era de esperar-se de uma deusa que tão raramente favorece mulheres e tão frequentemente favorece homens, Atena direciona sua vingança na pessoa errada. Haynes (2023, p.89)

Através da punição de Medusa, por parte da divindade, ou seja, ordem institucional, tendo seu foco não na violência, mas na perturbação da norma, ao ter seu templo profanado, em analogia a falha do estado na responsabilização por 17 anos no caso de Maria Da penha, revela-se a manutenção implícita de uma ordem social que torna banal a violência contra a mulher.

Essa falha na aplicação da justiça resulta na culpabilização, na desqualificação da vítima e na revitimização judicial por parte do sistema onde o estado/Minerva pune a vítima (Medusa/Maria da Penha) por ser o lado mais fraco, evitando o confronto com o lado que detém o poder (Marco Antônio/Neturno e o sistema patriarcal).

Nesse espaço temporal, social e judiciário os significados se encontram como determinismo das ações patriarcais que justificam o poder do homem sobre a mulher. As atitudes agressivas são justificadas pela força, pela necessidade de domínio, pela necessidade de controle. São historicamente metáforas consecutivas que demonstram um continuum, que parece não acabar.

QUADRO XIII - COMPARATIVO

MITO (LIVRO)	AGRESSOR	VÍTIMA	NATUREZA DA COERÇÃO	FORMA DESTINO FINAL
Dafne (I)	Febo/Apolo (deus)	Ninfa Dafne	Perseguição física (fuga do estupro)	Loureiro (<i>Lauros</i>)/Morte
Io (I)	Júpiter/ Zeus (deus supremo)	Ninfa Io	Estupro e transformação para ocultar uma traição.	Novilha (<i>Bos</i>) / Morte
Aretusa (V)	Alfeu (deus-rio)	Ninfa Aretusa	Perseguição; tentativa explícita de estupro; estupro implícito ao misturar as águas.	Fonte (<i>Fons</i>) Morte
Medusa (VI)	Netuno/Poseidon (deus- mares)	Sacerdotisa/ górgona/ Medusa	Estupro, anulação da castidade.	Monstro serpentiforme/ Morte

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em *Metamorfoses*.

A partir do quadro quando é possível perceber que existem ações que se repetem em todos os mitos analisados, onde a perseguição e o estupro são elementos fortemente presentes, e sendo o feminicídio o desfecho. Nesse contexto, os trechos apresentados na obra de Ovídio “*Metamorfose*, reflete ações humanas que se repetem. Os significados nos remetem a observar um continuum entre o passado e o presente. O assédio como um cerco em que a vítima não encontra saída, o apelo para ser salva, solicitando intervenção em sua defesa, a transformação simbolizando a morte.

Em *Metamorfose*, o mito representa uma mulher em contexto de perseguição, violência e medo extremo, a vida não mais lhe pertence, o perigo iminente se encontra na sua beleza, no

seu corpo atraente, a fuga se instaura a partir da negação ao seu assediador, precisa deixar de existir, nas formas que a natureza lhes deu. Nesse espaço entre deixar de ser e ser transformada o mito representa feminicídio.

Observa-se que o mito demonstra a uma relação direta com a sociedade patriarcal, o poder sobre a mulher, o direito de ser o dono e carrasco. Entretanto, ao observar por esse prisma, o mito continua na sociedade vigente, sendo representado por expressões e se mantém como afirmação e direito sobre o corpo ou comportamento da mulher.

QUADRO XIV – COMPORTAMENTO LINGUISTICO-SOCIAL

Mulher tem de se dar ao respeito	Passa a responsabilidade de não ser violentada para a mulher enaltecendo o direito do homem ser violento.
Mas o que você estava fazendo na rua a essa hora e com essa roupa?	A construção da invasão de direitos, a roupa, o horário determinam que a mulher está pedindo para ser violentada. São falas permissivas para assédio e estupro
Mas o que ela fez para provocar?	Não ter voz em uma relação é o início de um caminho sem volta. Frases como essa exprime o que está oculto na sociedade. Dá ao homem o poder de ferir ou matar.
Se ela tivesse ficado quieta, nada teria acontecido.	A vítima desta de existir, ela merece ser agredida, afinal de conta, ela falou. O desumano direito da sociedade de julgar.
Isso aconteceu porque ela deu trela/ flertou com ele.	A interação social é um convite para ser violentada, ser desprezada, sorrir são caminhos para violência.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Babel, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado em obras produzidas em espaços e tempos diferenciados nos remete a pensar a humanidade como um todo. O encontro do passado e presente, nas relações entre homens e mulheres, tornam-se entrelaçamentos de analogias que se encontram nas ações humanas. Nesse sentido os mitos são as ações humanas representadas com um continuum de significados que atravessam o tempo e o espaço.

Ovídio faz uso de um estilo de contos interligados, onde cada História de transformação estabelece uma conexão com a anterior e a posterior, criando um mosaico literário dinâmico. Permitindo que o poeta explore uma ampla variedade de mitos e personagens, desde figuras da mitologia helênica até heróis romanos, todos unidos pelo tema central da metamorfose.

O mito ovidiano se entrelaça com as denominações para assédio e feminicídio, termos que surgem em uma nova era. A denominação “Feminicídio” surge na década de noventa e a classificação de perseguição ou cerco denominada “Assédio” passa a ser utilizado do a partir da década de setenta. As duas formas de agressão se encontra na obra Metamorfose de Ovídio do século I d.C.

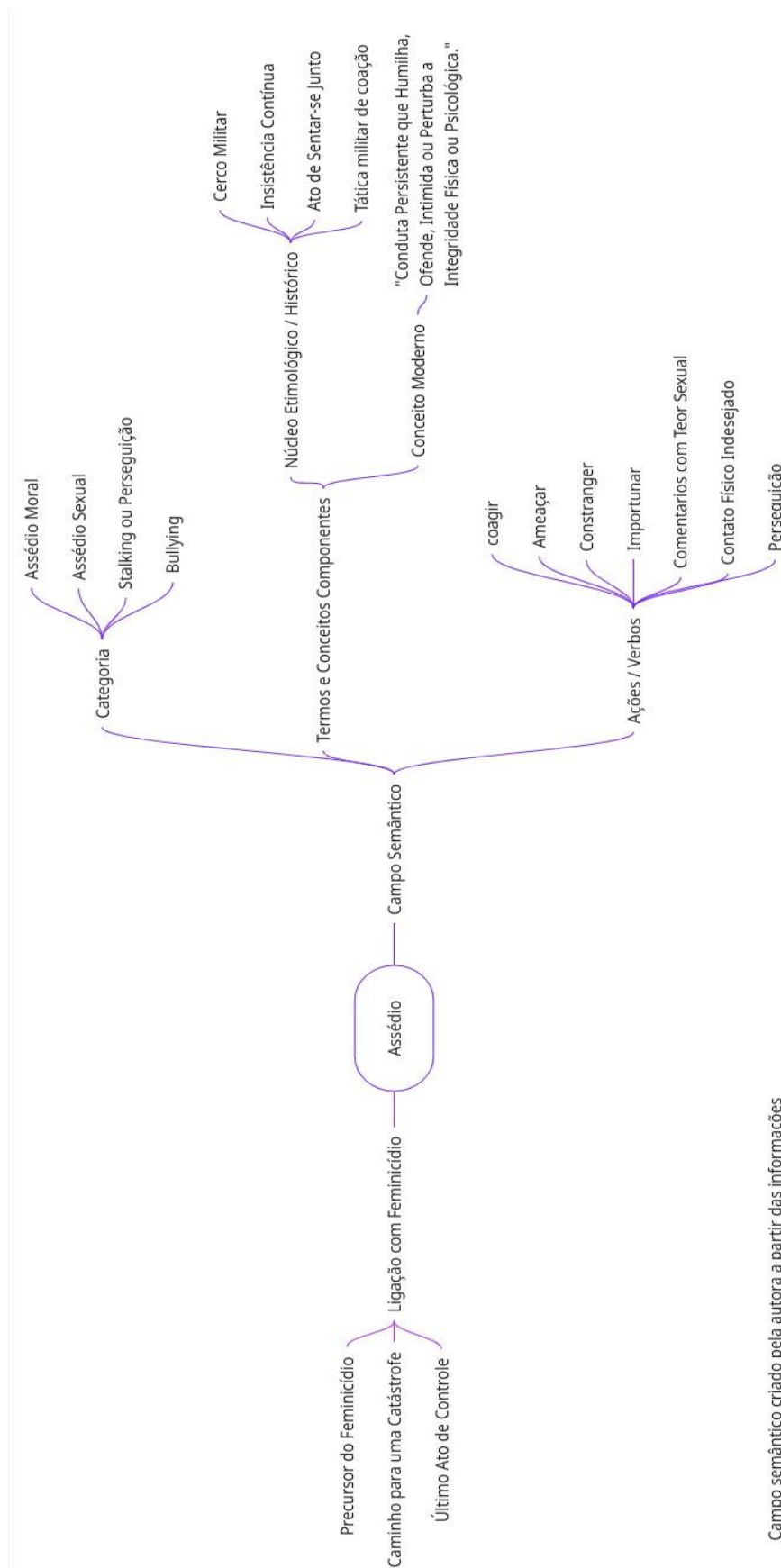
Ao compreendermos que o nome é configuração da palavra e o sentido a informação que o nome comunica, os termos – assédios e feminicídio – nos leva a observar que o significado contido só pode ser compreendido em relação a outros dentro de um contexto linguístico. Assim a aplicação dos campos semânticos como forma de entendimento dos mitos ovidianos, se contextualiza com o século XX, torna-se atemporal.

O contexto se relaciona com o mundo extralinguístico trazendo no uso da língua, as experiências e significados que o falante busca inferir no processo de comunicação. Ao processo de uso da língua a comunicação se elabora a partir das variações impostas pelo tempo. O contexto se torna o elemento de ligação entre a estrutura da língua e as experiências dos falantes, assim como, também explica a evolução do léxico ao longo do tempo

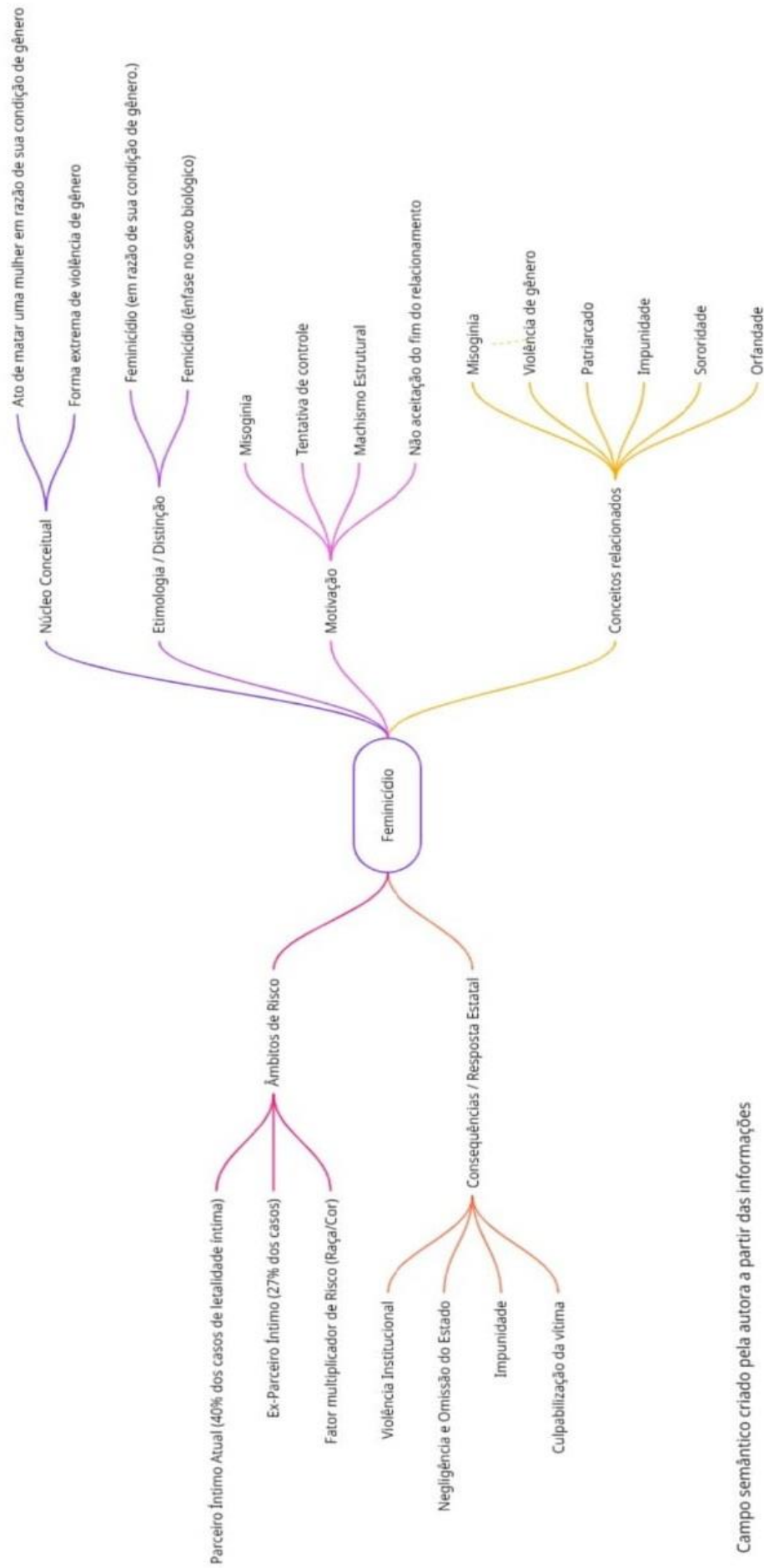
A partir do momento que as experiências vividas pelos falantes de uma língua ressignifica ações que podem e devem ser punidas, compreende-se que o assédio e feminicídio é o depósito de agressões que predeterminam a perseguição e morte da mulher. No Brasil, como apresentado no corpo desse trabalho, o número é alarmante, constituído de ações brutais que se repetem a cada momento.

As leis criadas devem ser seguidas, sua mera existência não garante a mudança que a sociedade deseja. É fundamental que haja uma aplicação mais rigorosa e garantia de penalização para os agressores. Observamos que os mitos não levam em consideração os agressores, assim como, a vítima deixa de lado sua vida e se transforma e algo inanimado. Estamos nessa mesma ciranda, mesmo que de forma diferenciada, se repete no mundo atual. Com uma nuvem de punição que se dissipa com a fragilidade da justiça.

ANEXOS - MAPAS CONCEITUAIS DA PESQUISA



Campo semântico criado pela autora a partir das informações



Campo semântico criado pela autora a partir das informações

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

17 ° Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2023) - Dossiês do Instituto Patrícia Galvão. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/17-o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-fbsp-2023/> acessado em 3 outubro, 2025.

BABEL. A violência contra mulheres. Disponível em: <<https://pt.babel.com/violencia-verbal-contra-a-mulher>>. Acesso em: 03 dez. 2025.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.

BRASIL. DataSenado.

BRASIL. Ligue 180. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/ligue-180>>. Acesso em: 04 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/>>. Acesso em: 04 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Dados sobre feminicídio no Brasil. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br>>. Acesso em: 10 out. 2025.

BRASIL. O medo como rotina: o desafio de circular nas cidades. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2025/06/o-medo-como-rotina-o-desafio-de-circular-nas-cidades-sendo-mulher>>. Acesso em: 11 set. 2025.

BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 2025. Dados sobre feminicídio no Brasil. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>>. Acesso em: 30 set. 2025.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica**: ciência das significações. Tradução: M. S. C. M. de Castro, V. C. da S. e E. G. de M. Pereira. São Paulo: Pontes Editores, 2008.

CAICEDO-ROA, M. BANDEIRA, L. M.; CORDEIRO, R. C. Femicídio e Feminicídio: discutindo e ampliando os conceitos. *Revista Estudos Feministas*, V. 30, n. 3, p.4, 2022

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Feminicídio: os motivos que levam ao assassinato de mulheres no Brasil. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/tv/550872-feminicidio-os-motivos-que-levam-ao-assassinato-de-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 10 set. 2025.

CAMPOS, Carmen Hein de. *Feminicídio no Brasil: uma análise crítico-feminista*. 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/sistemapenaleviolencia/article/view/20275>. Acesso em: 25 set. 2025.

Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/legislacao>>. Acesso em: 04 set. 2025.

HENRIQUES, Cláudio César. **Léxico e Semântica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Atlas da Violência. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/276/atlas-2023-violencia-contramulher>>. Acesso em: 04 set. 2025.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. Lei Maria da Penha na íntegra e comentada. Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/lei-maria-da-penha-na-integra-e-comentada.html#:~:text=%C3%89%20IMPORTANTE%20HOJE?,combate%20%C3%A0%20viol%C3%Aancia%20de%20g%C3%AAnero>>. Acesso em: 04 set. 2025.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. Medo, ameaça e risco: percepções e vivências das mulheres sobre violência doméstica e feminicídio. São Paulo: Instituto Patrícia Galvão/Consulting do Brasil, 2024. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/medo-ameaca-e-risco-percepcoes-e-vivencias-das-mulheres-sobre-violencia-domestica-e-femicidio-instituto-patricia-galvao-consulting-do-brasil-2024/#:~:text=Dados%20e%20Fontes%20%7C%20Dados%20e,a%20viol%C3%Aancia%20contra%20a%20mulher>>. Acesso em: 13 out. 2025.

LAGARDE, Marcela. “Del femicidio al feminicidio”. *Desde el Jardín de Freud*, n. 6, p. 216-225, 2006. Disponível em <https://revistas.unal.edu.co/index.php/jardin/article/view/8343>. Acesso em 27/09/2025.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: BUARQUE, Holanda de (orga). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.206-242.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Prefácio de Lola Aronovich. 5. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2019.

LIMA, Amanda Gabriela Gomes de. A legislação de enfrentamento à violência contra as mulheres e uma concepção de justiça de gênero no Brasil: uma análise da Lei Maria da Penha e do Feminicídio sob a perspectiva da criminologia feminista. 2018: Universidade Federal de Alagoas. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/3426/1/A%20legisla%C3%A7%C3%A3o%20de%20enfrentamento%20%C3%A0%20viol%C3%Aancia%20contra%20as%20mulheres%20e%20uma%20concep%C3%A7%C3%A3o%20de%20justi%C3%A7a%20de%20g%C3%AAnero%20no%20Brasil%20uma%20an%C3%A1lise%20da%20Lei%20Maria%20da%20Penha%20e%20do%20Femic%C3%ADdio%20sob%20a%20perspectiva%20da%20criminologia%20feminista.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2025.

LIMA, Dayanne Teixeira. Saussure, Bréal e a questão do sentido: Novo retorno a Saussure. *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 62, p. 255-275, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/download/4942/4503/22603>. Acesso em: 03 nov. 2025.

LIV, Eclima. *ASSÉDIO SEXUAL: Para além de uma violência laboral, uma violência de gênero*. 2023. [s.l.]: Universidade Federal do Ceará, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/75521/3/2023_liv_eclima.pdf>. Acesso em: 02 set. 2025.

LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1993.

MACHADO, M. C. A. O assédio sexual no ambiente de trabalho: uma análise das consequências e das políticas de prevenção. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020.

MICHAELIS. Assédio. In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis. [S. l.]: UOL. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ass%C3%A9dio>. Acesso em: 9 out. 2025.

MONCORVO, Maria Cecília Ribeiro. Criando os filhos sozinha: a perspectiva feminina da família monoparental. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Violência contra as mulheres: uma questão de direitos humanos. Nova Iorque: ONU, 2023. Disponível em: <<https://www.un.org>>. Acesso em: 4 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório sobre a violência contra as mulheres: um problema global. Genebra: OMS, 2023. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia>>. Acesso em: 4 set. 2025.

OVIDE. *A Arte de Amar*. Tradução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2014.

OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

PARANÁ. TRIBUNAL DE JUSTIÇA. Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar (CEVID). *Cartilha Relacionamento Abusivo*. [S.l.]: TJPR. Disponível em: https://www.tjpr.jus.br/documents/12054912/55369057/Cartilha_Relacionamento_Abusivo+-+vers%C3%A3o+final+diagramada.pdf/fd648910-d495-d4b2-56da-014f4871ef83. Acesso em: 13 out. 2025.

PIRES, Maria Lúcia Castagna. *Semântica e Pragmática: estudos sobre o significado*. São Paulo: Contexto, 2011.

PRIBERAM. **Femicídio**. In: Dicionário Online Priberam de Português. Lisboa: Priberam Informática, 2008. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/FEMINIC%C3%8DDIO>. Acesso em: 14 out. 2025.

RECTOR, Monica; YUNES, Eliana. **Manual de semântica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

ROMIO, Jackeline Aparecida Ferreira. Sobre o feminicídio, o direito da mulher de nomear suas experiências. Plural, v. 26, n. 1, p. 80-82, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/cliente/Downloads/luizvjj,+plural_v26n1_artigo_JAFR%20(1).pdf>. Acesso em: 13 out. 2025.

ROTH, Wolfgang. A semântica histórica: um campo abandonado da lingüística?, [S. l.], n. 2, p. 61-79, 1998. Disponível em: <https://revistas.usp.br/flp/article/download/59659/62755/77083>. Acesso em: 03 nov. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Laís Scodeler dos. **A poética do exílio e a autotextualidade em *Tristes e Pônticas de Ovídio***. *Revista do XXIII Seminário de Teses em Andamento*, v. 8, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, R. A. Assédio e feminicídio: um estudo sobre a relação entre essas formas de violência. Brasília: Universidade de Brasília, 2021.

The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military Technology. [S.l.]: Oxford University Press. 2010. pp. 266–267.

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO (6. REGIÃO). Cartilha sobre as diversas formas de assédio. 2023. Disponível em: https://www.trt6.jus.br/portal/sites/default/files/documents/cartilha_assedio_compressed_1_1_c.pdf. Acesso em: 13 out. 2025.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1977.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2014.